

An artistic illustration in a vibrant pink and purple color palette. A woman with long brown hair is shown from the chest up, looking upwards with her arms raised. She is surrounded by several birds in flight, including a white bird with a black wingtip, a red bird, and a white bird with a black wingtip. There are also yellow flowers and green leaves scattered around her. The background is a textured pink with some white stars.

Representatividade Feminina em Foco

Novas Roupagens no Ceará

Tainah Marinho Aldigueri
Luzia Leda Batista Rolim
Rachel Garcia Bastos de Araújo
Samya Régia Figueiredo Vieira Antero





Representatividade Feminina em Foco

Novas Roupagens no Ceará



Luzia Leda Batista Rolim
Rachel Garcia Bastos de Araújo
Samya Régia Figueiredo Vieira Antero
Tainah Marinho Aldigueri



Representatividade Feminina em Foco

Novas Roupagens no Ceará



Fortaleza, maio/2026

Líder do Comitê de Responsabilidade Social

Tainah Marinho Aldigueri

Diretor-Executivo do Inesp

João Milton Cunha de Miranda

Articulação

Luis Ernandes dos Santos do Carmo
Valderio da Costa

Célula de Produção e Gestão Editorial

Valdemice Costa de Sousa (Valdo)

Coordenação Editorial

Rachel Garcia

Organização

Luzia Rolim e Rachel Garcia

Pesquisa

Luzia Rolim, Rachel Garcia e Samya Régia Antero

Preparação Textual

Luzia Rolim e Rachel Garcia

Entrevistas e Transcrições

Luzia Rolim, Rachel Garcia e Samya Régia Antero

Assessoria de Imprensa

Luzia Rolim

Projeto Gráfico / Diagramação

Valdemice Costa de Sousa (Valdo)
Chrisley de Lima Rocha

Capa

Napoleão Torquato Maia

Fotos

Arquivo pessoal – entrevistadas
Banco de imagens da Alece
Pexels

Célula de Redação e Revisão

Gustavo Rodrigues de Vasconcelos

Ilustrações

Napoleão Torquato Maia

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

R425 Representatividade feminina em foco [livro eletrônico]: novas roupagens no Ceará / Luzia Leda Batista Rolim ... [et al.]. – Fortaleza: ALECE, INESP, 2026.
135 p. : il. color. ; 8600 KB ; PDF

ISBN 978-65-6094-147-2

1. Mulheres - Depoimentos. I. Rolim, Luzia Leda Batista. II. Araújo, Rachel Garcia Bastos de. III. Antero, Samya Régia Figueiredo Vieira. IV. Aldigueri, Tainah Marinho. V. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado.

CDD 305.4

EDIÇÕES INESP

Rua Barbosa de Freitas, 2672, 5º andar - Dionísio Torres,
Fortaleza-CE | CEP 60.170-900
Anexo II - Dep. José Euclides Ferreira Gomes - 5º andar
Fone: (85) 3277-3702
presidenciainesp@al.ce.gov.br / inesp@al.ce.gov.br

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ÀS EDIÇÕES INESP.

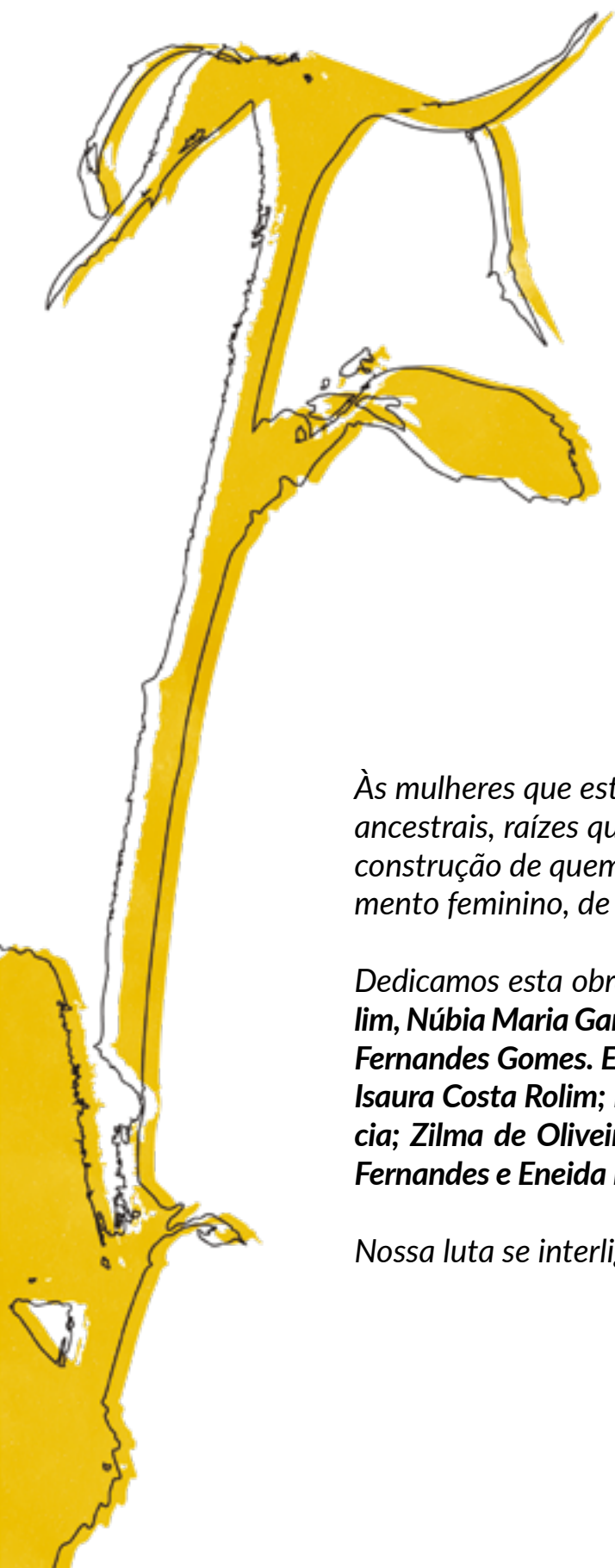
A presente obra não poderá ser comercializada e sua reprodução, total ou parcial, por quaisquer meios reprográficos ou digitais, deverá ter a autorização prévia das Edições Inesp.

Ana Clara
Ana Letícia
Aryadna
Bianca Emanuelle
Carol
Celi
Claudenísia Maria
Danielle
Elenilda
Elly Hanna
Hellen Mary
Ildenê
Izabel
Larissa
Lúcia Helena
Luzia
Maria de Nazaré
Maria Salgida
Maria Francilene
Maria Djanira
Maria Cecília
Maria de Fátima
Maria
Mariana
Mayara
Nádia
Pabyle
Rachel
Regina
Rosa
Rosângela
Samya
Tainah
Thays
Vanderli

“[...] se estou aqui e posso falar, muitas não puderam [...] esmagadas por uma vida doméstica inescapável, [...] pelo assassinato político, pela punição da sexualidade, pelo encarceramento, pela loucura e pela desumanização.”

(Corrêa, 2022)

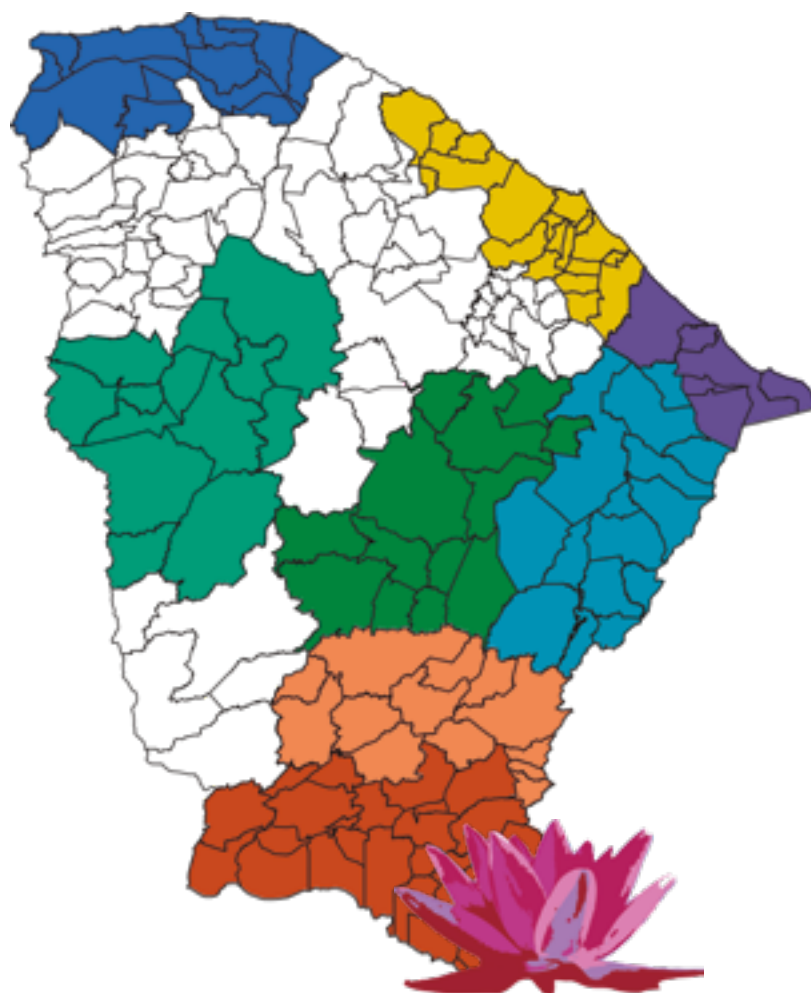




Às mulheres que estão e às que virão, mas, principalmente, às nossas ancestrais, raízes que devemos honrar. Por formarem as bases para a construção de quem somos e por nos proverem de senso de pertencimento feminino, de memória, de força, de sabedoria e de inspiração.

*Dedicamos esta obra às nossas mães: **Anita Ludmila Leda Batista Rolim, Núbia Maria Garcia Bastos, Elenita de Oliveira Figueiredo e Iolanda Fernandes Gomes.** E às nossas avós: **Terezinha de Jesus Teixeira Leda e Isaura Costa Rolim; Maria Alice Santos de Araújo e Zaíra Mendes Garcia; Zilma de Oliveira Figueiredo e Feliza Ribeiro de Sousa; Aldenora Fernandes e Eneida Marinho de Oliveira.***

Nossa luta se interliga, unindo as gerações.



Agradecemos às mulheres de cada canto do Ceará, que, para a feitura deste livro, dividiram conosco suas vivências. Sem perceber, elas nos ensinam e nos representam.

SUMÁRIO

17 APRESENTAÇÃO

18 SOBRE O INESP

19 ASCENSÃO FEMININA

20 SOBRE A OBRA

24 INTRODUÇÃO

29 QUEM PODE QUESTIONAR O MUNDO

A REPRESENTATIVIDADE FEMININA

UMA 3X4 DA SITUAÇÃO FEMININA NO BRASIL

UMA 3X4 DA SITUAÇÃO FEMININA NO CEARÁ

TENDÊNCIAS PARA AS NOVAS GERAÇÕES

EMANCIPAÇÃO PARA HOMENS E MULHERES

41 EM CADA CANTO, A MULHER FAZ HISTÓRIA

42 CARIRI

43 BARBALHA

A Associação De Mulheres Rurais Do Sítio Macaúba

Maria De Nazaré Souza Carvalho

Maria Salgida Souza Carvalho

Regina Celes Alencar Coelho

56 CENTRO-SUL

56 ACOPIARA

Maria Djanira Alves Feitosa

59 GRANDE FORTALEZA

59 PACAJUS

Projeto Boa-Noite-Cinderela
Professora Elly Hanna De Lima Sobrinho
Ana Clara Torres Do Vale
Ana Letícia Sousa De Oliveira
Bianca Emanuelle Da Silva Lino
Maria De Fátima Rodrigues Xavier Soares
Mariana Severiano Menezes

68 PACATUBA

Francilene Pitaguary

74 FORTALEZA

Izabel Accyoli
Pabyle Flauzino

87 LITORAL LESTE

88 ITAIÇABA

Lúcia Helena Holanda Da Silveira

94 LITORAL NORTE

94 BARROQUINHA

Maria Carneiro Fontenele

98 GRANJA

Elenilda Magalhães De Oliveira

106 SERTÃO CENTRAL

106 QUIXERAMOBIM

Severinas Mulheres Do Sertão

Mayara Albuquerque

Maria Oliveira

117 SERTÃO DOS CRATEÚS

117 MONSENHOR TABOSA

Maria Castro Farias Lima

121 VALE DO JAGUARIBE

121 NOVA JAGUARIBARA

Rosa Rodrigues Silva (Rosa Gaga)

126 AS AUTORAS

Luzia Leda Batista Rolim

Rachel Garcia Bastos de Araújo

Samya Régia Figueiredo Vieira Antero

Tainah Marinho Aldigueri

131 SUPER-HOMEM

132 OUTRAS OBRAS SOBRE O ASSUNTO

133 REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

Deputado Romeu Aldigueri

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece)

[...] minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

(Paulo Freire)

Dentre as diversas ações implementadas pela atual gestão da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece), estão o fomento à transparência pública e o aperfeiçoamento dos trabalhos. Destaco, porém, aquelas que giram em torno da garantia dos direitos da mulher: a formulação, o acompanhamento e o aprimoramento de políticas públicas que visam à promoção da igualdade de gênero; à elaboração de projetos voltados para a geração de emprego e renda e ao incentivo à sua participação na política, fortalecendo o empoderamento.

Em 2024, apresentei à sociedade o Projeto de Lei que visa combater a misoginia no Ceará para prevenir e erradicar todas as formas de discriminação contra as mulheres. Busquei ampliar a rede de proteção às vítimas de violência, fortalecendo programas de capacitação profissional e garantindo maior acesso aos serviços essenciais para esse público. A criação da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Alece também foi um largo passo, mas, somente, uma introdução ao que pretendemos fazer num futuro próximo.

Ao contabilizar mais de 30 anos dedicados à vida pública, tenho levantado essa bandeira que hoje se pode ver palpável nesta obra. O livro *Representatividade Feminina em Foco: novas roupagens no Ceará*, da autoria de servidoras da Casa e editado pelo Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), aproxima-nos da população e promove o diálogo com as cidadãs e os cidadãos, proporcionando-nos uma maior compreensão das necessidades de mulheres de várias regiões, expondo histórias que fortalecem o nosso estado para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

SOBRE O INESP

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor-Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas
sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp)

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o *Edições Inesp* e o *Edições Inesp Digital*, que têm como objetivo editar livros, coletâneas de legislação e periódicos especializados. O *Edições Inesp Digital* obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O *Edições Inesp Digital* já se consolidou. A demanda por suas obras alcançou uma marca de 5 milhões de downloads. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O *Representatividade Feminina em Foco: novas roupagens no Ceará* é mais uma obra do diversificado catálogo de publicações do *Edições Inesp Digital*, que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

ASCENSÃO FEMININA

Tainah Marinho Aldigueri

Primeira-dama da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece)
e Líder do Comitê de Responsabilidade Social (CRS)

Quando somos líderes, estamos inspirando outras mulheres a serem líderes também. Quando temos voz ativa, inspiramos outras mulheres a ter voz ativa também. Que sejamos essas mulheres que inspiram uma às outras.

Estar na Casa do Povo, celeiro de debate e construção de políticas públicas, e ocupar esse espaço é falar sobre um grande privilégio e sobre a responsabilidade de entregar minha contribuição. É fortalecer meu posicionamento como uma mulher política. Aqui, tenho me dedicado a temas relacionados à saúde física e mental da mulher, ao empreendedorismo feminino, à valorização e ao reconhecimento da nossa importância em cargos de liderança, colaborando para fortalecer nossa autoconfiança e autoestima.

Em Fortaleza, com muito orgulho, algumas de nós, com trajetórias incríveis, já tiveram suas histórias popularizadas. Contudo, essa é uma luta que vai além de um pensamento de exclusividade. Deve ser coletiva, não deixando nenhuma para trás. Por isso, neste livro, a Alece apresenta a narrativa de mulheres resistentes de várias regiões do Ceará e que nos orgulham muito. A ascensão feminina chegou para ficar e não aceitaremos nem um retrocesso.

O Representatividade Feminina em Foco: novas roupagens no Ceará nos impulsiona a cobrar nossos direitos, garantir espaços de debate, de reflexão e de bem-estar. Temos vozes para ecoar e um futuro para conquistar. Os desafios que ainda temos de enfrentar envolvem combater a violência de gênero. Sei que nós podemos e merecemos fazer o nosso trabalho, mesmo em um ambiente hostil, pois é ele que nos prepara para que possamos enfrentar, com respeito e ainda mais empatia, a todos os problemas ao nosso redor.

SOBRE A OBRA

Luzia Leda Batista Rolim

Rachel Garcia Bastos de Araújo

Samya Régia Figueiredo Vieira Antero

Tainah Marinho Aldigueri

(As autoras)

Por muito tempo as experiências de mulheres eram consideradas íntimas, e seus registros a respeito de suas vidas [...] ganhavam o selo de obra menor [...]. Tirar do escuro as experiências das mulheres é revelar por dentro as estruturas sociais que oprimem meninas e mulheres no mundo.

(Renata Corrêa)

O livro *Representatividade Feminina em Foco: novas roupagens no Ceará* nasceu a partir da nossa vivência enquanto escritoras e autoras durante a produção da coleção *Maternidade e trabalho*, editada pelo Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Ao ouvir os relatos das mães, percebemos a necessidade de gritar as nossas demandas e, principalmente, de buscar maneiras para aumentar a força da nossa voz, escrevendo livros e outras publicações, compondo músicas, marcando presença física em lugares repletos de segregação, assumindo lideranças e não aceitando interrupções em quaisquer manifestações.

Para fazer esta obra, utilizamos a mesma metodologia da Coleção, com discursos colhidos por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade, e selecionamos os trechos considerados mais impactantes.

Para uma organização mais didática, usufruímos da divisão da Secretaria do Planejamento e Gestão (Seplag), que divide o Ceará em 14 regiões: **Cariri** (Barbalha), **Centro-Sul** (Acopiara), **Grande Fortaleza** (Pacajus, Pacatuba e Fortaleza), **Litoral Leste** (Itaíba), **Litoral Norte** (Barroquinha e Granja), **Litoral Oeste/Vale do Curu**, **Maciço de Baturité**, **Serra da Ibiapaba**, **Sertão Central** (Quixeramobim), **Sertão de Canindé**, **Sertão de Sobral**, **Sertão dos Crateús** (Monsenhor Tabosa), **Sertão dos Inhamuns** e **Vale do Jaguaribe** (Nova Jaguariba-

ra). Neste primeiro volume, trabalhamos com as regiões destacadas e seus municípios representantes. Em alguns, ouvimos mulheres ligadas a associações, como a “Associação de Mulheres Rurais do Sítio Macaúba” e “Severinas Mulheres do Sertão”, e de projetos, como o “Boa-noite, Cinderela”.

Esta publicação foi embalada e elevada a um formato maduro de apresentação à sociedade pelos servidores Valdo Costa e Chrisley Rocha, bem como revisado por Gustavo Vasconcelos. Temos, ainda, as mulheres em forma de arte pelo trabalho do ilustrador Napoleão Torquato. A impressão foi viabilizada pela primeira-dama do Legislativo cearense, Tainah Marinho, que nos encorajou e possibilitou o acesso do leitor a esses representativos e fortes relatos. A disseminação e a popularização das nossas necessidades são basilares.

Ao preparar este material, esperamos que essas experiências individuais, novas roupagens da nossa luta diária, ampliem, de forma inédita, nossa visão e impactem positivamente muitas vidas, inclusive as que ainda virão. Que consigamos estabelecer trocas afetivas, mas também mobilizadoras, incluindo todas as idades, credos, lugares de origem, classes sociais e raças e que possamos caminhar de mãos dadas, para frente.

As mulheres falaram-nos sobre suas queixas, dores, sentimentos e outras memórias, proporcionaram-nos a compreensão sobre seus mundos e vidas, suas crenças e valores, em diferentes representações e pontos de vistas e formaram um robusto referencial para as gerações jovens e futuras.

Este livro apresenta a voz de mulheres que precisam externar o que sentem e como sentem. Daqui, surgirão alianças de apoio e cooperação. Partindo desses depoimentos, podemos mobilizar ações para o futuro.



**“ [...]
 existem
 poucas
 forças mais
 poderosas**



A stylized illustration on a light pink background. On the left, a hand with pink skin and a pink sleeve holds a pink flower with a yellow center. Several pink petals are shown in mid-air, falling from the flower towards the right. The text is centered in the lower half of the image.

**do que falar e
ser escutada”.**

(Renata Corrêa)

INTRODUÇÃO

Tainah Marinho Aldigueri

O Ceará se escreve no feminino: da invisibilidade à representação

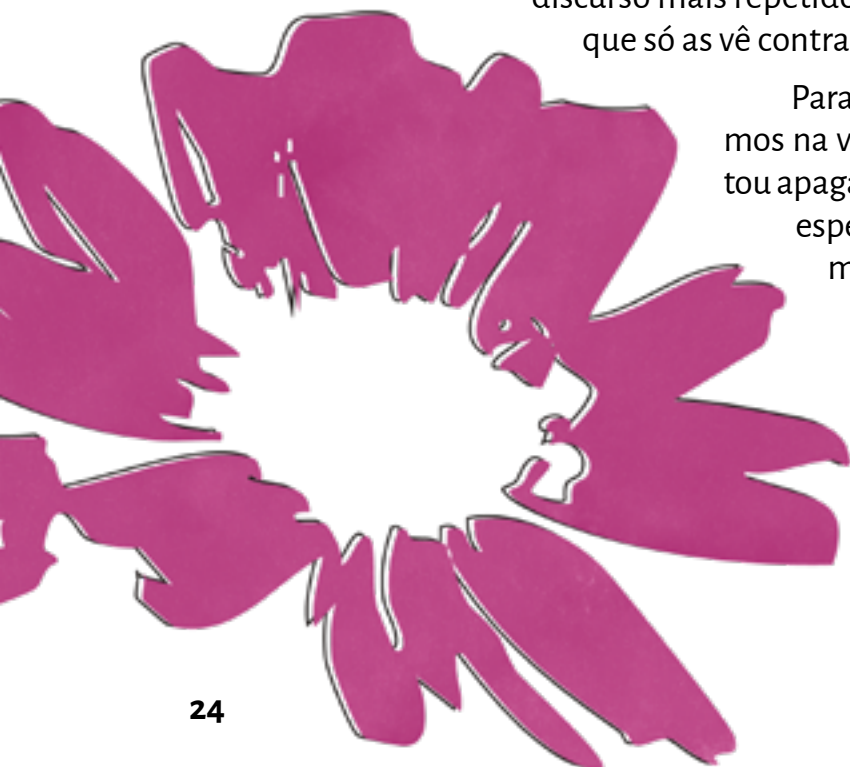
A experiência feminina no Ceará atravessa um caminho fluido que viaja das sombras da invisibilidade para a luz da representação. Como de forma tão bela nos lembra a literatura, “das romeiras às guerreiras, de Juazeiro a Canindé, da Imaculada Conceição à Praça do Ferreira, a mulher cearense se impõe como construtora da nossa história” (Lima, s.d., p. 8). A vivência dessas mulheres é tecida por lutas diárias, resistindo a raízes profundas de opressão que, ainda hoje, tentam silenciar suas vozes e manter vivas as desigualdades.

O livro “Representatividade feminina em foco: novas roupagens no Ceará” nasce como um abraço contra esse silenciamento, transformando a escuta de suas autoras em uma escrita afetiva que coloca mulheres contemporâneas como protagonistas de seus próprios destinos. Afinal, para mudar a história, é preciso um olhar atento: “faz-se necessário rastrear a informação mais humilde, adivinhar a imagem mais apagada e reexaminar o discurso mais repetido. Só assim podemos libertar as imagens femininas do olhar que só as vê contraditórias” (Del Priore, 1994, p. 6).

Para guiar essa jornada de descobertas e reparações, mergulhamos na vida de uma mulher extraordinária que a história oficial tentou apagar: a **Preta Tia Simoa**. Trazer sua trajetória à tona é quebrar os espelhos que insistem em refletir imagens de submissão para as mulheres.

PRETA TIA SIMOA: da escravidão à resistência negra no Ceará

Simoa Maria da Conceição foi uma mulher negra e liberta, cujos passos ecoaram pelas ruas de Fortaleza no século XIX. Era chamada popularmente de “preta”,



devido sua cor de pele, ou carinhosamente de “tia” pelo cuidado que dedicava a quem cruzasse seu caminho, sendo “[...] conhecida por toda a gente da Capital, que toda estimava essa criatura de coração angélico e alma pura” (Abreu, 1934, p. 144). Mas, sob o manto do afeto, ardia a chama da revolução, uma força que a escritora Jarid Arraes (2014, p. 3) resgata lindamente em seus versos: “Até pouco tempo atrás / Simoa eu desconhecia / Mas na luta organizada / O seu nome aparecia”.

Foi entre as águas do mar e as areias da antiga Praia do Peixe, em Fortaleza, que Simoa teceu sua maior resistência. Entre os dias 27 e 31 de janeiro de 1881, ao lado de seus companheiros, ela foi a faísca e a liderança da histórica **Greve dos Jangadeiros**. O objetivo era imenso: paralisar o porto e impedir o cruel tráfico de pessoas escravizadas, a maior engrenagem econômica daquela época. Enfrentando a truculência da polícia armada para restabelecer a “ordem”, Simoa comandou a fúria e a esperança de mais de 1.500 grevistas e apoiadores, segundo os registros do historiador Raimundo Girão (1984).

Essa semente de liberdade fez do Ceará a primeira província brasileira a abolir a escravidão, em 25 de março de 1884, rendendo ao estado o poético título de “Terra da Luz” — uma vitória conquistada quatro anos antes de o restante do Brasil assinar a abolição, em 1888. Além de lutar pela liberdade física de seu povo, Preta Simoa foi um pilar sagrado na preservação dos saberes e da cultura africana no estado.

Mas, precisamos nos perguntar: **por que sabemos tão pouco sobre ela?**

A ausência de registros sobre seu nascimento, sua morte e maiores informações sobre sua vida não é mero acaso; é o reflexo cortante de um arquivo histórico que escolhe quem vive na memória e quem desaparece. Por ser mulher e negra, Simoa enfrentou a dupla violência do racismo e do machismo, sendo marginalizada por uma narrativa que não tinha interesse na glória daqueles que desafiavam as correntes do sistema patriarcal e escravocrata. Como dolorosamente constata Costa (2018, p. 81): “Na história da Abolição da Escravidão no Ceará, a Tia Simoa se inscreve como mais uma heroína, porém, nos padrões da



cultura dominante, nos livros de história, é esquecida e desconhecida por muitos no meio social”. O cordel de Jarid Arraes (2014, p. 2) ecoa essa denúncia e exalta sua força apagada: “Essa história é conhecida, mas esconde a personagem, a mulher fortalecida, que nos é a forte imagem, feminina a negritude, rica força de atitude, coroada com coragem”.

Hoje, no entanto, as correntes do esquecimento começam a se romper em atos de verdadeira justiça. Em 28 de setembro de 2021, foi sancionada pelo Governo do Estado do Ceará a **Lei nº 17.688/2021**, coroando o dia 25 de julho como o **“Dia da Preta Tia Simoa e da Mulher Negra”**, além de instituir a “Semana Preta Tia Simoa” na primeira semana de agosto para combater a discriminação no Ceará.

Em uma sociedade que ainda carrega as cicatrizes do patriarcado e do racismo, lembrar Preta Tia Simoa não é apenas visitar o passado, mas fincar raízes no presente. Afinal, “[...] conhecer a história de Simoa, mulher negra cuja história está submersa entre os escombros da produção historiográfica é, pois, estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social historicamente invisibilizado no Ceará” (Alves, 2015, p. 54).

Preta Tia Simoa foi uma bússola na tempestade, uma vanguardista da liberdade que enfrentou a exploração quando a escravidão ainda era vista como natural. Ela é o farol que ilumina a trajetória de emancipação e empoderamento de todas nós, de maneira muito especial, das mulheres negras, provando que a coragem, a resiliência e a liderança feminina são, e sempre foram, as verdadeiras âncoras da nossa liberdade.







QUEM PODE QUESTIONAR O MUNDO?



[...] a experiência de uma mulher, quando verbalizada, pode iluminar pontos cegos que nos impedem de enxergar com clareza as dores que sofremos e o fato de que elas [...] têm origem na maneira como somos tratadas, subestimadas e silenciadas.

(Renata Corrêa)

1

O ato de contar histórias é natural na comunicação, bem como o é a necessidade de encontrar explicações para eventos, comportamentos ou qualquer questão inquietante que perpassasse nossas vidas. Elaborar e expor pensamentos, traduzir sentimentos, pedir ajuda, relatar faltas e excessos e repassar ideias são urgências humanas e colaboram para o exercício pleno da cidadania, para que se possa questionar o mundo. Contudo, a quem, ao longo da história, foi dado esse direito?

Com o advento da democracia, garantindo liberdade de expressão e oportunidades de participação, o interesse pela eloquência e pela oratória cresceu de uma maneira explosiva. Contudo, a mesma ferramenta usada para solucionar, também, é responsável por causar exclusão. Vale lembrar que, das reuniões em assembleia geral para tratar e decidir todo tipo de questões, não participavam os escravos, os forasteiros, nem as mulheres (Sousa, 2000). E é a palavra o instrumento fundamental para a garantia da liberdade. Quem tem voz, tem poder; quem não tem, é dominado.

Também, em muitos outros contextos históricos e sociais, nós fomos excluídas, proibidas de votar e de participar de órgãos políticos. Deveríamos apenas ocupar o espaço doméstico e, mesmo depois de muita luta, enfrentamos inúmeros obstáculos para alcançar cargos de liderança. Sofremos com a falta de representação política, ocasionada, entre outros fatores, pela dificuldade de acesso a recursos financeiros para campanhas, pela falta de apoio de partidos e pela violência diária nos púlpitos, nos plenários, nos palanques, nas repartições.

A luta pela igualdade de gênero, pela valorização da voz feminina e seu reconhecimento como ferramenta de participação em diversas áreas ainda soa como pedido. Contudo, a conquista do direito à educação, à liberdade sexual e reprodutiva, o ativismo na literatura, entre outros, vêm ampliando oportunidades que refletem a nossa diversidade de batalhas.

No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. [...] O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento.

(Michelle Perrot)

A histórica supressão da voz feminina nos invisibilizou e perpetuou desigualdades, mas não aceitamos mais. Não toleramos mais nenhuma deslegitimação e, principalmente, não permitimos mais que outros autores assumam nossas ideias. Não deixaremos que assassinem nossas perspectivas.

A dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados.

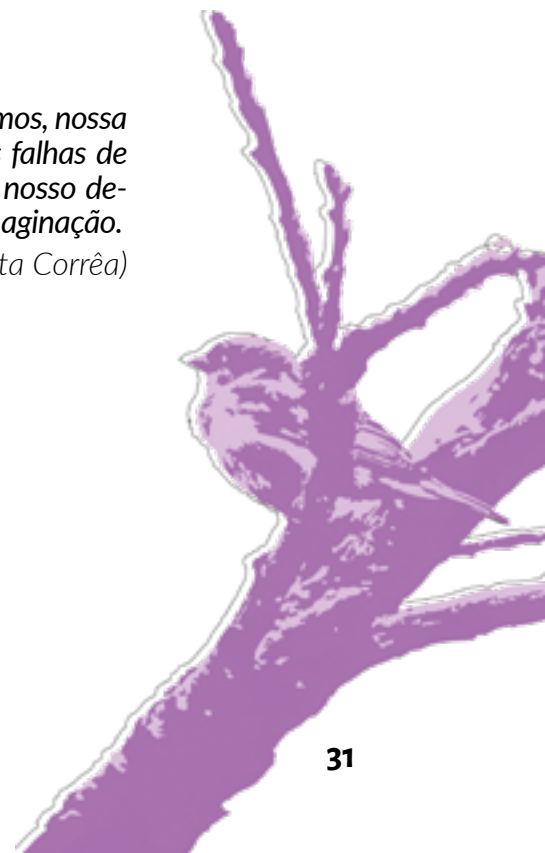
(Michelle Perrot)

O silenciamento, além de violento, é uma estratégia do sistema que precisamos derubar. Seu processo, contínuo e em todas as frentes, faz com que muitas de nós enxerguemos liderança e poder feminino como uma contravenção, que desafia muita gente, mas desbrava espaços para a igualdade de gênero e para alcançarmos condições justas de trabalho. Uma nova época precisa ser moldada. Enfrentaremos desafios, mas não estamos dispostas a enfraquecer.

Aqui, a fala é um modo de representar a realidade, de articular as vivências, de situar os acontecimentos passados, de se libertar das opressões e de se fortalecer. É um caminho para se coordenar possibilidades para si e para todas.

Quando dizemos o que sentimos e pelo que passamos, nossa existência se legitima e fica impossível ignorar as falhas de um sistema que ainda proíbe (ou tenta proibir) o nosso desejo, o nosso prazer, o nosso sustento e a nossa imaginação.

(Renata Corrêa)



A REPRESENTATIVIDADE FEMININA

O que é ser uma mulher forte, se fortaleza tem sido sinônimo de mulher?

Refletir e debater a determinação e a garra feminina no Ceará são nossos desafios. Bem como, identificar mulheres que reconheçam os próprios valores, limites e não aceitem menos do que merecem. Ao fazer este livro, encontramos mulheres comuns, pois ter foco e persistência contra estereótipos limitantes e superar adversidades têm sido o comum de ser mulher.

Em uma sociedade onde a participação das mulheres sempre foi apagada, a representatividade é necessária para que possamos legitimar nossas lutas, nos diversos contextos sociais. Nosso discurso precisa ganhar posicionamento protagonista, fazendo com que a luta feminina e feminista seja ouvida.

Embora as redes sociais pareçam-nos um espaço aberto para nossa manifestação e mobilização, são um ambiente emergente, por isso, incontrolável até para o domínio masculino.

Não se sabe quando o vocábulo 'patriarcado' começou a ser utilizado, mas há registros da palavra no código Hamurabi, da antiga Mesopotâmia, do século 18 antes de Cristo: [...] designava a necessidade de controle das mulheres em uma sociedade patriarcal.

(Ana Prestes)

É preciso confrontar o patriarcado e o silenciamento que ainda perpassa, de forma imperiosa, nossas vidas e que mora no medo de denunciar uma violência e nos questionamentos que recebemos após as denúncias.

Fazer das informações e das estatísticas ferramentas para a mudança acabará com a opressão da dominação masculina. Se resumirmos alguns dados sobre o assunto, traçaremos os retratos que se seguem.

UMA 3X4 DA SITUAÇÃO FEMININA NO BRASIL

O *Relatório anual socioeconômico da mulher (Raseam)*, produzido pelo Ministério das Mulheres, apresentou, neste 2025, um resumo descritivo e analítico, compondo um perfil socioeconômico das brasileiras e traçando um panorama sobre a situação, com foco nas desigualdades enfrentadas por grandes regiões, cor ou raça, faixa etária, localidade (urbano e rural), renda, existência de deficiência, entre outros fatores.

Sete eixos temáticos (estrutura demográfica; autonomia econômica e igualdade no mundo do trabalho; educação; saúde integral, direitos sexuais e direitos reprodutivos; enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres; mulheres em espaços de poder e decisão; e mulheres no esporte) tornaram palpáveis situações que algumas pessoas pensavam ser apenas hipóteses:

Ambiente doméstico

- Mais domicílios com responsável do sexo feminino que do masculino (2023).
- Cerca de 71,6% das notificações de violência contra mulheres ocorrem dentro do ambiente doméstico.
- Os principais agressores das mulheres são os homens.

Formação, profissão e salários

- Contrariando a Lei de Igualdade Salarial, mulheres ganham 79,3% do salário médio dos homens, ao desempenhar a mesma função.
- Mulheres com deficiência que conseguem ocupação - no setor privado ou em residências - o fazem por conta própria.
- O resgate de mulheres e meninas submetidas ao trabalho doméstico análogo à escravidão evidencia a persistência de relações de poder profundamente desiguais (2023).

- Na região Nordeste, ocorre a menor desigualdade, com as mulheres recebendo salários em média 14% menores. Já a maior discrepância ocorre no Sul, onde as mulheres recebem 25,9% a menos que os homens.
- O principal motivo alegado pelas mulheres para não ter cursado ou ter deixado de frequentar o ensino médio é o de precisar trabalhar.
- A carreira militar é uma das mais impermeáveis à entrada de mulheres. A média de ativas é de 10,1%.
- Na diplomacia, marcada pela antiguidade e hierarquia, o percentual de mulheres ocupando o cargo máximo – ministra de primeira classe embaixadora - é de 20%, e aumenta à medida que se desce para os últimos escalões hierárquicos.

Maternidade

- 329 mulheres gestantes ou lactantes estavam em estabelecimentos prisionais, sendo a maior parte na região Sudeste (2024).
- Apenas 50,4% dos estabelecimentos prisionais femininos possuíam celas ou dormitórios adequados para gestantes, e 41,6% ofereciam infraestrutura como berçários ou creches.
- 119 crianças viviam com suas mães nas prisões (2024).

Política

- 59% das mulheres eleitas em todos os cargos foram brancas. As pretas ou pardas representaram 40% do total (2024).
- As secretarias de políticas para as mulheres estão presentes em 18,3% dos municípios, sendo a maior parte concentrada nas regiões Nordeste (33,4%) e Norte (27,1%).

Pretas ou pardas

- Para mulheres pretas ou pardas, o percentual de gravidez na adolescência é bem maior que o de mulheres brancas, o que revela como as primeiras enfrentam dificuldades maiores para permanecer na escola.
- Nos casos de violência contra mulheres adultas, 60,4% foram contra pretas ou pardas; enquanto 37,5%, contra brancas.

Violência

- 32,6% dos registros de violações contra mulheres foram de ordem psicológica.
- A violência física foi a segunda mais registrada, com 29,7%.
- Mais de meio milhão de ocorrências de estupro de mulheres foram registradas entre 2015 e 2024, o que expõe a gravidade e a prevalência da violência sexual no país.

UMA 3X4 DA SITUAÇÃO FEMININA NO CEARÁ

O Perfil da Mulher no Ceará – 2023, do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)/Informe (nº 267 – março/2025), aponta que o estado tem cerca de 256 mil mulheres a mais do que homens. A população é composta por 4,7 milhões de mulheres (51,4%) e 4,5 milhões de homens (48,6%).

A desigualdade entre homens e mulheres, tanto em questões sociais como econômicas, é constatada no trabalho (IPECE/Informe) com dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para extrair estatísticas por gênero.

Ambiente doméstico

- O percentual de domicílios com maior prevalência de segurança alimentar são os domicílios chefiados por homens (70,5%).
- Entre os 20% mais pobres, 61,4% são de domicílios liderados por mulheres, e a proporção de domicílios em situação de pobreza chefiados por mulher (10,5%) foi maior do que por homem (7,9%).

Formação, profissão e salários

- O analfabetismo é menor entre as mulheres do que entre os homens e a escolarização das mulheres é maior que a dos homens (2023).
- O nível de instrução das mulheres, com 25 anos ou mais de idade, superou o dos homens.
- Apesar de as mulheres terem mais escolaridade e estarem à frente dos lares, elas recebem menor remuneração.
- O rendimento domiciliar *per capita* para as mulheres pobres que não receberam uma transferência de renda seria de R\$ 966,15; enquanto o dos homens, de R\$ 1.394,46. Diferença bem maior que no cenário com transferência (R\$ 428,31 contra R\$ 389,59).

Quantas mulheres foram rainhas com real poder de decisão? Quantas são mencionadas como líderes de movimentos catalisadores de grande mudanças? Se essas mulheres existiram, elas receberam os créditos? Percebemos hoje o trabalho coletivo de pesquisadoras para resgatar a história de vida de diversas mulheres, pois, para vencer o apagamento, é preciso que a história inclua líderes, chefes e revolucionárias. Pioneiras na política e na dinâmica social foram estratégicas para impulsionar movimentos de libertação para outras mulheres, mas para homens também.

A professora e historiadora Gleidiane de Sousa Ferreira nos ajuda a fechar essas constatações e denúncias afirmando que grande parte de tudo o que é relacionado ou é símbolo de poder, na prática ou foi entendido como uma equivalência de masculinidade. Por que a

luta, a fibra, a certeza, a posição bem demarcada, a segurança numa fala, na vida profissional não podem ser entendidas como atributos também femininos, se os são?

TENDÊNCIAS PARA AS NOVAS GERAÇÕES

De acordo com Lacombe e Oliveira (2024), as pesquisas mostram o aumento de um abismo cultural entre mulheres e homens das novas gerações. Assim, temos mulheres cada vez mais progressistas em temas sociopolíticos e homens cada vez mais conservadores. E, para sabotar essa engrenagem, precisamos trocar conhecimentos, educar umas às outras, fazer parte de movimentos de mulheres, marchar nas ruas fazendo pressão coletiva por legislações que ampliem os nossos direitos e pensar em outras ações inovadoras.

EMANCIPAÇÃO PARA HOMENS E MULHERES

Em todas as gerações, as mulheres são mais feministas do que os homens. Mas, as novas, comparativamente à de nossos pais, têm uma diversa, mas não suficiente, gama de modelos femininos livres, empoderados e independentes. Filhos de outro contexto social conseguiram construir uma percepção melhor do lugar da mulher no mundo. “A prova disso é que todos nós revisitamos alguma série, filme ou livro de uma década atrás e reagimos com espanto ao que antes era considerado normal, quem afirma isso é a matéria *Radiografia do feminismo: por que as novas gerações estão mais distantes do que nunca?* (Instituto Humanitas UNISINOS).

[...] os homens dessa geração são os que menos se identificam como feministas e estão muito abaixo da média.

(Ruiz, 2024)

O feminismo conseguiu adeptos nas novas gerações, mas não de uma maneira homogênea. Os homens são os que menos se identificam como pró-feministas e estão muito abaixo da média, embora componham a geração masculina que “mais conversa com seu

grupo de amigos/as sobre questões relacionadas à igualdade, muito acima das gerações mais velhas. Eles são mais conscientes das coisas que acontecem ao seu redor. Esses dados estão abaixo das mulheres da mesma idade. Mas, se vivem imersos no debate e são testemunhas das consequências do machismo, o que explica essa crescente lacuna? (Ruiz, 2024).

Uma pesquisa realizada pela Genial/Quaest, com mulheres de todas as regiões, estratos sociais, faixas etárias, religiões e escolaridades, obtida pela VEJA, mostra que uma de cada três brasileiras se declara feminista, um aumento de 47% sobre o registrado em 2000. O assunto está vindo à luz como nunca antes. “O feminismo saiu do armário” (Felipe Nunes, Quaest). E “O avanço das mulheres deixa a ala masculina confusa em relação ao seu lugar no mundo, uma vez que subtrai seus privilégios”, observa a historiadora Gabriela Trevisan, da Unicamp.

Estamos no que se chama de quarta onda do feminismo mundial. Ela se ancora em dois fenômenos: as redes sociais e o engajamento de artistas e celebridades que vêm fortalecendo conceitos e publicizando pensamentos de lideranças feministas históricas.









EM CADA CANTO, A MULHER FAZ HISTÓRIA

[...] a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa.

(Roland Barthes)



2

No estudo de 1930, clássico nas ciências humanas, a antropóloga Margaret Mead analisou as personalidades atribuídas a homens e mulheres em três sociedades de Papua-Nova Guiné e encontrou homens e mulheres gentis, empáticos, cooperativos e pacíficos na primeira, onde havia um cotidiano tranquilo e investimento de cuidado na educação dos filhos e filhas, tanto por mulheres como por homens. Na segunda, homens e mulheres eram agressivos e hostis e a guerra fazia parte do dia a dia. Já a terceira marcava uma diferença importante, enquanto as mulheres eram protagonistas poderosas da vida social, encarregadas de obter o alimento, pela economia e pela produção de riqueza, os homens eram sensíveis, frágeis e dedicados à estética e à arte (MEAD, 2020).

Num ajuntado de ruas, em cada quina que gera encontro, nas extremidades dos bairros, no centro, nas bordas... Nos lugares do Ceará, nas suas grandes localidades pequenas, nas regiões cheias de afetos, nas paragens de dor, nas terras e em seus povos, moram mulheres reais.

CARIRI

(Abaíara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre).

Falar do Cariri é muito mais do que falar de cultura, identidade, folclore e turismo. Muito mais do que falar de arte, tradições religiosas, quermesses, serras, trilhas, rios, açudes, períodos de seca, arquitetura, festas juninas e do Pau da Bandeira. É, antes de tudo, falar do povo e da potência das suas mulheres.

Falar do Cariri é rezar Santo Antônio, padroeiro; é expor Expedito Seleiro, é contar o Grupo dos Penitentes. Mas, também, é gritar Regina, Nazaré e Dona Moça.

Cada pedacinho do Cariri tem que ser festejado, mas, aqui, trouxe Barbalha.



BARBALHA

*Olha quanta alegria, que beleza
A multidão faz fileira, hoje é o dia
Vamos buscar o pau da bandeira
Homem, menino e mulher
Todo mundo vai a pé.*

(Luiz Gonzaga)

Uma mulher de Barbalha é como uma árvore de extensa dimensão e é, ainda, um ritual exótico e de fé, toda cheia de misticismo. Às vezes, é como o Riacho Salamanca. As barbalhenses são como o Reisado, fortes que brincam, numa narrativa ancestral que não tem começo ou fim. Suas vidas são contadas, numa melodia sotaqueada. Cantam como rainhas, santas e guerreiras. As que conversamos para a feitura deste livro fazem parte da Associação de Mulheres Rurais do Sítio Macaúba.

A Associação de Mulheres Rurais do Sítio Macaúba

*Eu não posso mudar o mundo
Mas eu balanço [...]
Balanço pra sobreviver.*

(Juliana Linhares)

Uma fusão de rosas em estampas de vestidos, uma junção de fios de cabelos unidos pelo vento e sobre o chão, um tema comum que dá a liga da canção, uma reunião de memórias num trabalho em que o mote é colaboração e vantagens para todas, visando ao benefício da comunidade.

A socialização fortalece os laços entre as mulheres. Ser grupo é ser troca, é fortalecer a criação, fazer nascer novas ideias, soluções, conhecimentos e experiências.

As falas a seguir pertencem a três mulheres da Associação:

Maria de Nazaré Souza Carvalho



Maria de Nazaré Souza Carvalho, carinhosamente chamada de Mariinha, é casada e mãe de três filhos. Trabalha em um parque aquático e, na Associação, é atendente de artesanato.

“

Nós temos que ser fortes sempre, todas as horas. A mulher não pode baixar a cabeça, não pode esmorecer nem um minuto. Na verdade, a mulher é doente e trabalhando.

(Maria de Nazaré)

”

Maria Salgida Souza Carvalho

Maria Salgida Souza Carvalho é a Dona Moça. A agricultora é presidenta da Associação.



“

**Sou viúva, mãe
de cinco filhos e
nunca me enrolei
com nada. Eu sou
batalhadora.**

(Maria Salgida)

”

Regina Celes Alencar Coelho



Regina Celes Alencar Coelho é casada e sem filhos. É enfermeira, funcionária pública e secretária da Associação.

“

É através da política que a mulher consegue uma visibilidade, além de mãe e dona de casa. Apesar de ser um pequeno número de mulheres na política, já deixa bem claro que a mulher quer igualdade.

(Regina Coelho)

”

História



As mulheres faziam o óleo em suas casas. Era uma prática comum aqui. Depois, se organizaram e resolveram fazer o prédio. Através de trabalhos braçais, delas mesmas, cada uma carregando areia, pedra dos riachos do próprio Sítio, compraram o terreno. Depois, conseguiram o maquinário para quebrar o coco e fazer a extração do azeite. E, também, para fazer os artesanatos. Com muito esforço, conseguiram erguer essa Associação que foi legalizada em 17 de março de 1992, mas, um ano antes, elas já estavam se organizando e tendo reuniões.

Esse grupo de mulheres tinha o propósito de buscar melhorias para as mães carentes e formaram um clube da criança. Faziam bingos, rifas, festas dançantes para ajudar as que precisavam de enxoval quando estavam grávidas. Quando os bebês nasciam, elas faziam projetos. Conseguiram cabras e usavam o leite para alimentar os filhos. As cabras davam cria e era dividido: parte dos animais pequenos para a Associação e a outra parte para as mães. Assim, elas foram desenvolvendo ideias, além do trabalho com o óleo do coco babaçu.

(Regina Coelho)

Trabalho



A gente compra a matéria-prima, confecciona os artesanatos, leva para as feiras e vende. O dinheiro que é arrecadado a gente investe na Associação.

(Maria de Nazaré)

As mulheres, em forma de mutirão, se reúnem na Associação para a quebra do coco do babaçu. No maquinário, vão colocando, um a um. Outra equipe vai retirando as amêndoas de dentro do fruto que vai ser passado no tacho ou cozido em banho maria para ser aquecido e levado à prensa para ser extraído o óleo, no caso, o azeite do coco, que é engarrafado e vendido na comunidade, em feiras, exposições e etc.

Depois, fica a entrecasca e a casca, que podem ser usadas para queima no fogo, mas a Associação usa para fazer artesanato. Então, aquele coco que foi partido ao meio vai ser fatiado para dar origem a esses produtos. Após serem lixados, um a um, elas fazem o polimento e separam de acordo com o tamanho e o formato, para fazer brincos, colares, chaveiros, cintos, descansos de panela, luminárias e uma infinidade de peças.

(Regina Coelho)

As associadas

Mulheres que trabalham e contribuem para a formação de um patrimônio de todos para todos. Investem suor, tempo e amor, desfrutam de momentos ricos em cultura, trocam apoio.

Conversa e mutirão

Quando estamos em mutirão, conversamos sobre filhos, casa, dívidas... Uma conversa saudável e com muitas brincadeiras. Temos uma palhaça na turma e não conseguimos ficar muito tempo sem rir, até a barriga doer.

(Maria de Nazaré)

Durante o trabalho, é muito comum elas contarem histórias de seus ancestrais, como era no tempo da avó e histórias daqui da comunidade.

(Regina Coelho)

Dificuldades e obstáculos

A Associação está muito defasada e não temos apoio.

(Maria de Nazaré)

A Associação não tem verba. A gente faz bingo, rifa, desfile, porque tem energia, água para pagar e tem que fazer essas ações.

(Maria Salgida)

A gente tem alguns obstáculos no interior. Mesmo com a formação de enfermeira, não tenho muitas opções de trabalho. Então, atuo como técnica de enfermagem.

No período chuvoso, não pode haver a produção do óleo do babaçu. Não tem como ir pegar (os frutos) nos locais de cultivo, porque eles ficam encharcados. Essa produção vem a acontecer no período de seca.

(Regina Coelho)

Fortaleza feminina



Tem mulher advogada, tem mulher presidente, tem mulher deputada, tem mulher vereadora e tem mulher médica. Isso é uma coisa muito boa. A gente pode contar com as mulheres.

(Maria Salgida)

Nós temos que ser fortes sempre, todas as horas. A mulher não pode baixar a cabeça, não pode esmorecer nem um minuto. Na verdade, a mulher é doente e trabalhando.

(Maria de Nazaré)

Eu me sinto uma mulher forte ao buscar melhorias para a minha comunidade através da Associação.

(Regina Coelho)

Inspiração



Eu me inspiro na minha mãe, uma senhora de 65 anos, que luta pela comunidade, pelos seus objetivos e inspira outras mulheres a seguirem, a buscarem o que querem, a trabalharem, a virem para a Associação. Tudo o que ela pensa, tudo o que ela quer, ela realiza, porque ela é uma mulher muito pra frente.

Eu luto pelos meus direitos. Existem muitas mulheres que se inspiram em mim por conta disso.

(Maria de Nazaré)

Acho que sou inspiradora para as mulheres da Associação, assim como elas são para mim, mostrando sua força, seu trabalho, a união e a cooperação que tem no grupo.

(Regina Coelho)

Machismo



Uma das práticas mais engenhosas do patriarcado é fazer com que nós, mulheres, acreditemos que a opressão que a gente sofre é responsabilidade das diferenças naturais entre homens e mulheres, como se o sexo biológico determinasse habilidades, gostos, talentos, temperamento. O nome dessa prática [...] se chama essencialismo biológico. E isso é uma praga.

(Renata Corrêa)

A cultura machista no interior é ainda maior do que nas capitais. Aqui, a gente vê a dependência das mulheres ser mais forte devido à questão financeira. Então, elas acabam tendo também a dependência emocional do esposo, do namorado, do pai. Mas a gente sempre está conversando, trazendo cursos sobre empoderamento, cursos profissionalizantes para que elas aprendam, busquem crescer e, com isso, tenham uma autoestima maior.

(Regina Coelho)

Mulher na política



É através da política que a mulher consegue uma visibilidade, além de mãe e dona de casa. Apesar de ser um pequeno número de mulheres na política, já deixa bem claro que a mulher quer igualdade.

(Regina Coelho)

Ontem, hoje e amanhã



A gente ainda trabalha no nosso maquinário, mas não com tanta intensidade com que se trabalhava na década de 1990. A carência era muito maior.

Hoje, a cultura do óleo do coco ainda tem nas residências, mas pouco. As filhas dessas mulheres estudam ou trabalham nas cidades, se formaram...

(Regina Coelho)

Socialização



As reuniões acontecem em todos os terceiros domingos, às 13h, na sede da Associação, aqui no Sítio Macaúba. A gente leva sanfoneiros para dançarmos, sairmos da rotina e desestressarmos. Trabalhamos a saúde mental. Às vezes, é o único local que as idosas saem e podem se divertir. Então, para elas, é um local de lazer, onde encontram as comadres, sorriem. Elas já não produzem mais o óleo do coco babaçu, mas gostam de estar lá, de se reunir.

(Regina Coelho)

Sororidade



Nós levamos elas para as feiras, para os encontros de mulheres. Às vezes, a gente faz uma comemoraçãozinha, bolo, o aniversário da Associação, o Dia Internacional das Mulheres, encontros para pessoas idosas.

Convido todas as mulheres:

– Vamos trabalhar, passear. Vamos para outros estados, outros lugares.

É muito bom isso.

É um prazer estar aqui, trabalhando com os artesanatos e com óleo, arrumando enxoval para noiva, para as crianças que vão se batizar. Por isso, sou uma mulher forte, vivida e resolvida. Uma guerreira. E isso é muito importante na nossa comunidade.

(Maria Salgida)

A gente tem esse papel maior, que é de estar junto com outras mulheres, que é de procurar conhecimento e se unir. Passamos para elas que busquem ser respeitadas, amadas, assim como eu, que, também, busco isso para minha vida: fazer o que gosto, fazer com que minha voz seja ouvida.

Eu saio da minha casa e busco estar com as mulheres na Associação, dando força, empoderamento, dizendo que elas são capazes, buscando a autoestima delas, mostrando que podem ser independentes, protagonistas de suas vidas, não se deixando serem desrespeitadas, abusadas.

No momento que a gente precisa, elas chegam junto. É um grupo muito unido, onde uma se espelha na outra, uma ajuda a outra.

(Regina Coelho)



Voluntariado



Na minha comunidade, meu destaque é na Associação, por trabalhar produzindo os artesanatos. Eu, também, cozinho. Faço parte do Programa Ceará sem fome, preparando as marmitas.

(Maria de Nazaré)

Estou sempre à disposição para ajudar a todas. Ajudei na igreja, ajudo muito no cemitério e na nossa Associação, que está em primeiro lugar.

Nasci para ajudar as pessoas de baixa renda que adoecem, que não têm em que se apegar. A gente faz cesta básica, se tiver algum trocado, compra um remédio, e, também, faz enxoval para as noivas que os pais não têm condição. Esse é o maior prazer que eu sinto, poder ajudar a quem precisa.

(Maria Salgida)

A gente vai prestando serviços voluntários, já que aqui é mais difícil. Mas isso não me enfraquece.

Faço meu papel na Associação, palestras na saúde, que é minha área, e tiro dúvidas sempre que elas me procuram.

(Regina Coelho)



DEPOIMENTOS

Sobre Maria de Nazaré

“É uma mulher inspiradora, forte, doce, amável e trabalhadora. Ela acorda cedo, faz suas tarefas em casa, sobe para a Associação e começa a trabalhar. Não espera por mim, não espero por ela e nós trabalhamos juntas com o coco babaçu e fazemos tudo bem feito. Cortamos, colocamos na peneira e fazemos óleos. São tardes de trabalho divertidas e, quando pensamos que não, o tempo passou, porque estamos ao lado de uma pessoa positiva. Então, são momentos inesquecíveis. É muito bom, é maravilhoso, porque além de ganharmos o nosso dinheiro, temos a amizade, o amor e o carinho.

É muito honesta, justa, correta, gosta das coisas no seu devido lugar. É muito limpa, uma mãezona, uma irmã maravilhosa, uma filha incrível e é uma mulher que cuida dos seus com muito amor, carinho e cuidado. Tem um coração gigante, gosta de dar comida a quem tem fome, de beber a quem tem sede, de ajudar as pessoas. Da forma que ela possa ajudar, ela ajuda e eu me sinto muito feliz, amada e acolhida.”

(Celi Pinheiro Alves do Nascimento)

“É muito guerreira em nossa comunidade. Encara tudo com determinação e tenho muito orgulho do que ela representa para nós. Ela é muito responsável, carismática e nos passa força para enfrentar os obstáculos. É um exemplo de vida e coragem.”

(Cicera Edna de Souza Carvalho)



Sobre Maria Salgida



“Salgida nos representa aqui no Sítio Macaúba. Quando comecei a conviver com ela de verdade, através da cozinha comunitária, vi que é uma pessoa especial porque é muito boa e não mede distância para ajudar. Não tem ‘parea’ para ela aqui, não. Ela é tudo na nossa vida.”

(Eliana Amorim)

“É uma representante da Associação muito dedicada e uma pessoa maravilhosa. Nossa relação é ótima, já fizemos projetos juntas e estamos fazendo mais. Somos parceiras, ela é a presidente e eu a vice. Para nós, ela representa também o lugar, porque, se não fosse ela, não faríamos nada. Somos muito unidas, quando ela sai, eu fico; quando eu saio, ela fica e vamos dividindo as tarefas. Eu só tenho que agradecer a ela, por ser uma pessoa que sempre ajudou e ajuda a comunidade.”

(Filomena de Souza)

Sobre Regina

“É uma mulher que tudo o que nos transmite é com muita confiança, respeito e segurança. Ela nos inspira muitas coisas, nos dá conselhos, explicações. A gente até fica triste no dia em que não dá certo ela ir para a Associação, porque, às vezes, ela dá plantão. Ela tem planos. A gente quer fazer uma coisa, conversa e ela dá um jeito e tudo dá certo. Como mulher, nos representa demais.”

(Celi Pinheiro Alves do Nascimento)

“É uma pessoa íntegra e, dentro da Associação de mulheres, ela se empenha. É muito esforçada, estudiosa e gosta de ajudar o próximo.”

(Maria Francinete dos Santos)

CENTRO-SUL

(Acopiara, Baixio, Cariús, Catarina, Cedro, Icó, Iguatu, Ipaumirim, Jucás, Orós, Quixelô, Saboeiro e Umari).

A região da diversidade. Seus sertões, serras secas, planícies ribeirinhas, áreas sedimentares e cristalinas. Suas mulheres gigantes. Centro-Sul da agricultura irrigada, da pesca e do turismo. Do patrimônio arquitetônico e os eventos festivos. Cada município da região merece respeito, mas, aqui, para representação, trouxemos Acopiara.



ACOPIARA

Do ser diferente: a roça, a cultura, as pedreiras, as elevações irregulares e os solos diversificados. Do ser igual: a perda da originalidade e de suas principais características e o regime patriarcal. Naquele intermeio do que é ser igual, mas também é ser diferente dos outros municípios do estado: as mulheres.

A cidade é feminina: a Acopiara. Tem seu nome formado por uma composição da língua tupi: aco (roça), pi (limpar) e ara (agente). Aqui, estabelecemos chamar de “aquela que cultiva a terra” e dizer que todas elas recebem as bênçãos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Acopiara já foi palco de cinco conferências municipais de políticas para mulheres que visaram discutir políticas públicas, promovendo a igualdade e a democracia e fortalecendo a nossa participação na gestão pública. A conferência é um espaço para propor soluções para os desafios enfrentados por nós.

Das mulheres de Acopiara, apresentamos Djanira.

Maria Djanira Alves Feitosa



Maria Djanira Alves Feitosa, nascida em 1937. Técnica em contabilidade, realizou vários cursos profissionalizantes. Viúva, mãe de Elisa Paraguaçu Feitosa Dutra, Nabucodonosor Alves Feitosa, Nabupolasar Alves Feitosa e Cleópatra Alves Feitosa.

“

Sou forte pela vontade que sempre tive e tenho de ser o que sou, fazendo as minhas coisas da maneira que eu quero, entusiasmada, ativa. O que tinha que fazer, eu fazia, como faço até hoje.

(Maria Djanira)

”

Direitos



Meu destaque na luta pelos direitos da mulher é como cordelista. Foi como professora, durante nove anos, e diretora de escola, durante 12, ajudando aquelas crianças e fazendo quadrilhas por mais de vinte anos.

(Maria Djanira)

Fortaleza feminina



Sou forte pela vontade que sempre tive e tenho de ser o que sou, fazendo as minhas coisas da maneira que eu quero, entusiasmada, ativa. O que tinha que fazer, eu fazia, como faço até hoje.

(Maria Djanira)

Inspiração



Acho que inspiro outras mulheres. Observo nas perguntas, na atenção que elas dão a mim. Quando elas se admiram com alguma coisa que faço, me dizem assim: 'Você faz isso? Você é disposta, tem coragem!' Na verdade, eu me sinto inteligente.

Minha mãe é uma mulher que me inspira, porque eu admirava muito as coisas dela. Por exemplo, uma coisa engraçada: uma comadre dela ficou viúva. Abraçada com ela, chorando, chorando. Ela disse: 'Comadre Glória, não chore, não. Se conforme! No que a outra retrucou: 'Ai, comadre Estelita, é porque é tão feio este nome de viúva.' Minha mãe finalizou: 'Não, comadre, feio é nome de defunto!' Mamãe era sempre aquela pessoa realista.

(Maria Djanira)

Orgulho



A quadrilha era coisa minha, vinda do íntimo do coração. Para mim, era a maior honra do mundo aquela minha quadrilha que, ainda hoje, é comentada. Esse mês, um senhor disse:

— Dona Maria Djanira Feitosa fez muita quadrilha grande, bonita.

— E o senhor me conhece?

— Conheci.

Sou quadrilheira conhecida.

(Maria Djanira)

GRANDE FORTALEZA

(Aquiraz, Cascavel, Caucaia, Chorozinho, Eusébio, Fortaleza, Guaiúba, Horizonte, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacajus, Pacatuba, Paracuru, Paraipaba, Pindoretama, São Gonçalo do Amarante, São Luís do Curu e Trairi).

Metrópole de todas, influente nos gostos e na música. A populosa e equipada capital pediu integração. Famosa pelo mar, pela brisa e por chamar brasileiros de todos os cantos. É ela, a capital, a Fortaleza: Grande Fortaleza.

PACAJUS

As águas tranquilas dos rios, o solo vasto das tribos indígenas Paiacus, uma terra fértil como mulher. De um povoado embrionário de beira-e-bico, com pequenas casas de taipa e de uma resistente igrejinha de barro e carnaúba. Da Grande Fortaleza, Pacajus se fez escolha pelo chamado feminino do trabalho que se apresenta a seguir.



Projeto boa-noite-cinderela

As estudantes Ana Clara Torres do Vale, Ana Letícia Sousa de Oliveira, Bianca Emanuelle da Silva Lino, Maria de Fátima Rodrigues Xavier Soares e Mariana Severiano Menezes cursavam o 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) José Maria Falcão, da rede estadual de ensino, e criaram, para a feira científica da escola, uma caneta que detecta drogas (benzodiazepínicos) em bebidas e, assim, salva muitas mulheres do golpe boa-noite-cinderela.

A *Drug test pen* surgiu do projeto *Mulheres e Ciências: Caminhos para a Equidade de Gênero* e foi apresentada na 23ª Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace), em São Paulo.

Inicialmente pesquisando quais as substâncias utilizadas para dopar, roubar e violentar as mulheres, as pesquisadoras, orientadas pela professora Elly Hanna de Lima Sobrinho, encontraram o reagente colorimétrico, não tóxico, que interagiu com os hipnóticos e ansiolíticos, positivando no contato.

Após variados testes, elas descobriram a formulação correta. Ao traçar com a caneta uma linha em um guardanapo, as mulheres podem pingar algumas gotas da bebida que estará “batizada” se aparecerem pontos pretos (substâncias dopantes) na superfície da bebida. De forma muito eficaz, o resultado aparece após 10 segundos, e a caneta ainda pode ser reutilizada. Utilizando os reagentes disponíveis no laboratório de Ciências da própria escola, as estudantes descobriram que a caneta possui a forma mais prática para ser usada em locais públicos.

O custo atual da *Drug Test Pen* é R\$ 10. Outras, disponíveis no exterior, chegam a custar até R\$ 300. A razão do bom preço é que o reagente utilizado pela equipe cearense possui excelente custo-benefício e os outros dispositivos possuem alto custo de produção.

O projeto, que já foi apresentado no *Ceará Científico*, da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc), chegou à etapa regional, classificando-se em segundo lugar entre os projetos da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede) 9, na categoria Ciências da Natureza, Educação Ambiental e Engenharias.

Profa. Elly Hanna

“

Cresci num lar feminino, com duas irmãs, um ambiente de liberdade e confiança. Nunca fui privada de sair, ter amizades ou fazer minhas

escolhas por ser menina, muito pelo contrário, sempre fui incentivada a ser independente e isso me fortaleceu para eu encarar os desafios do dia a dia com coragem e resiliência, algo que carrego na vida e na minha profissão.

Como Professora, sei o quanto a postura influencia os jovens, por isso, busco ser um exemplo, principalmente, para outras mulheres.

(Professora Elly Hanna)

”



Destaque



Tenho destaque na luta pelos direitos femininos da minha localidade. Com toda a repercussão do projeto, ganhei uma visibilidade muito maior e posso atuar para atenuar a vulnerabilidade feminina.

(Ana Clara Torres)

Eu me destaco por conta do desenvolvimento do projeto que visa, também, à proteção das mulheres contra o famoso golpe boa-noite-cinderela.

(Bianca Emanuelle Lino)

Dificuldades e obstáculos



Claro que eles existem na educação e um dos maiores é a falta de reconhecimento. Isso, muitas vezes, desmotiva a gente, que quer fazer mais, a investir em projetos como esses, além da sala de aula, mas sigo em frente.

(Professora Elly Hanna)

Meu maior obstáculo, seja pessoal ou profissional, é a falta de autoconfiança. Nunca imaginaria que uma menina do interior do Ceará, como eu, conseguiria ir para outro estado apresentar um projeto em uma Feira Científica.

(Ana Clara Torres)

Para o meu sucesso pessoal e profissional, os maiores são o medo e a vida em si. Porque o medo te priva de viver, de ir atrás das coisas. E a vida tem controvérsias, você não sabe o que vai acontecer.

Mas não deixo que definam quem sou. Cada dor que senti se transformou em aprendizado e cada queda me ensinou a levantar mais forte.

(Bianca Emanuelle Lino)

A insegurança em algumas situações é um dos meus maiores, na minha vida pessoal e profissional, sobretudo ao expressar o que penso e defender meus argumentos.

(Mariana Menezes)

Direitos



Através da educação, eu me destaco na luta por direitos femininos aqui na minha comunidade. Com isso, podemos transformar as realidades.

(Professora Elly Hanna)

Na luta pelos direitos femininos da minha localidade, atuo junto a grupos religiosos que trabalham para o aconselhamento de pessoas, principalmente, mulheres em vulnerabilidade social. Então, acolhemos e aconselhamos, trabalhando realmente como rede de apoio. Assim como, através desse projeto que desenvolvemos e que tem a mulher como principal público e que visa a proteção e a prevenção ao crime boa-noite-cinderela.

(Mariana Menezes)

Fortaleza feminina



Todos os dias, batalho pelo meu lugar no mundo.

(Ana Clara Torres)

A força da mulher pode ser manifestada de diferentes formas, na determinação para construir uma carreira ou até mesmo na dedicação para criação dos filhos. Como sou jovem, ainda há muito a descobrir sobre minha força.

(Ana Clara Torres)

Não existe um preparo para a jornada de ser uma mulher forte e, na verdade, é isso que fortalece a gente: encarar coisas que outras pessoas não conseguem nem se imaginar encarando e, ainda assim, ter coragem para seguir em frente.

(Ana Letícia de Oliveira)

Sou uma mulher independente e autônoma. Gosto de estar à frente de tudo, dando o meu melhor. Sinto que sou uma ótima líder, colocando as pessoas pra cima e fazendo com que as coisas fiquem sempre em movimento.

(Maria de Fátima)

Sou forte por [...] me tornar uma mulher determinada, esforçada, que acredita em dias melhores, que pode fazer a diferença na vida de alguém, profissionalmente, socialmente, na minha família e na comunidade em que vivo.

(Mariana Menezes)

Inspiração



Chegar ao ensino superior e exercer uma profissão que ainda é pouco valorizada me tornou uma inspiração para muitas mulheres.

Minhas maiores referências são minha mãe e minhas irmãs, mulheres da minha vida, que são minha rede de apoio e me inspiram todos os dias.

(Professora Elly Hanna)

Com toda a repercussão do projeto, acredito que inspiro outras mulheres, meninas que vêm de escolas públicas.

Minha mãe é uma das maiores inspirações, porque vejo toda a dedicação que ela teve na minha criação, todas as coisas que ela faz por mim.

(Ana Clara Torres)

Com o nosso projeto, promovemos discussões sobre temas que podem acabar sendo esquecidos por alguns, mas que, ainda assim, são uma realidade na vida da mulher. Além, também, de incentivar as pessoas a pesquisar sobre temas relacionados e, quem sabe, iniciar seu próprio projeto.

Um projeto como esse, que surgiu da cabeça de meninas de uma escola pública, de uma cidade pequena e, ainda assim, está conseguindo tomar uma certa visibilidade, inspira outras mulheres que têm uma situação parecida com a nossa a não desistir do que querem, seja algo pessoal, um projeto científico ou até mesmo algo relacionado a estudo e trabalho.

Uma mulher que me inspira muito é minha irmã mais velha, Camile, que, inclusive, acabou de terminar um mestrado em economia rural e que gosta muito de áreas mais focadas em pesquisa. Ela é a que eu mais tomo de exemplo na questão de estudo, disciplina e responsabilidade. Sempre que

tenho algum tipo de dúvida sobre o que fazer ou qual caminho seguir, ela, além da minha mãe, Luana, é a que eu sempre busco apoio e orientação.

(Ana Letícia de Oliveira)

Depois de toda a repercussão do projeto, muitas das meninas começaram a acreditar que também são capazes.

A mulher que me inspira é a minha mãe, meu porto seguro, que faz tudo por mim, está lá para tudo. É muito batalhadora.

(Bianca Emanuelle Lino)

Inspiro mulheres, principalmente as do meu âmbito social, amigas da escola, da minha cidade. Inspiro, mais por causa do nosso projeto, as pessoas a serem o melhor que elas conseguirem ser, com dedicação e esforço.

(Maria de Fátima)

Acho que inspiro outras mulheres pela minha dedicação, pelo fato de me colocar a lutar realmente pelo que sonho, pelas minhas metas diárias e aproveitar bastante cada momento. Superando uns e vivendo o novo com expectativa.

Me inspiro na minha mãe, ela é muito guerreira, esforçada e perseverante. Ela consegue se superar de uma forma muito linda diante de cada adversidade.

(Mariana Menezes)

Mulher na política



O papel da mulher na política é essencial para contribuir para uma sociedade mais equilibrada e justa. Quando estamos nesse espaço, levamos nossas pautas, como o combate à violência de gênero.

(Professora Elly Hanna)

Quando a mulher exerce um cargo político, tem uma responsabilidade muito maior, porque, só em ser mulher, ela está vulnerável a todas as opressões que nós podemos sofrer e, com isso, tem uma responsabilidade muito maior pelo que se deve lutar.

(Ana Clara Torres)

A presença feminina na política é de extrema importância, não apenas como uma maneira de representatividade, mas também como um avanço no combate à desigualdade e à opressão, porque essas mulheres, mesmo que às vezes não percebiam, fazem parte de uma revolução que ajuda a mudar o Brasil para melhor. Fazem que outras mulheres percebam que podem, sim, ocupar cargos de liderança e poder.

(Ana Letícia de Oliveira)

As mulheres na política são muito humanas e se destacam na verdade e sensibilidade, na humanidade e no amor de seguir as normativas do jeito que elas são. A política, hoje, está escassa disso.

(Mariana Menezes)

Rede de apoio

Minha família é minha principal rede de apoio. Eles sempre me acolhem muito, se alegram com minha alegria e isso me motiva muito a continuar.

(Ana Clara Torres)

Além das minhas amigas que também fazem parte desse projeto, a minha família sempre vai ser a minha rede de apoio central, é sempre nela que encontro conforto e conselho, independente da situação.

(Ana Letícia de Oliveira)

Sororidade



Ao viver em um mundo tão desigual, a gente precisa encontrar forças para lutar e erguer não só a nós mesmas, mas, também, outras mulheres.

(Ana Letícia de Oliveira)

PACATUBA

Nossa Senhora da Conceição, as estações de trem, a libertação dos escravos. A bacia do Rio Cocó, as planícies litorâneas, a Mata Atlântica e a caatinga. A Bica das Andréas, as Trilhas, a Praça da Paixão e a encenação da Paixão de Cristo, considerada a segunda maior do Nordeste e que reúne mais de 200 pessoas na encenação. E de tudo o que é grande no local, a presença de força e sabedoria de Francilene Pitaguary.



Francilene Pitaguary



Manjé Fran, batizada Amãnaci Pitaguary, é natural de Pacatuba. Atua na conciliação dos saberes tradicionais e modernos no território indígena, nos cuidados do sagrado feminino e da encantaria da mata.

“

**Eu me destaco,
assim como
nossas bruxas
se destacaram.
Nem todos gostam,
mas ninguém
consegue viver
sem fogo.**

(Francilene Pitaguary)

”

Ancestralidade

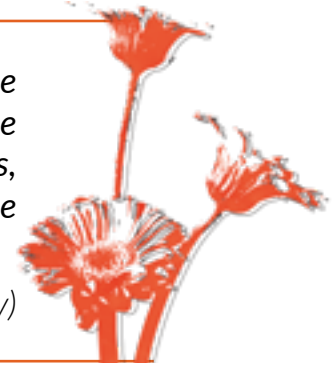


Sobrevivi. Mas eu não gostaria que precisássemos ser sobreviventes. [...] devemos honras e gratidão não só para aquelas que venceram, foram pioneiras e mudaram o jogo. Mas também para aquelas que repetiram suas experiências femininas na intimidade, no universo doméstico e que nunca puderam falar sobre isso publicamente ou questionar o próprio destino. Foram elas que, com suas mãos invisíveis, cheias de trabalho, nos trouxeram até aqui.

(Renata Corrêa)

Trago em mim o sangue de todas essas outras guerreiras que mostraram que nós podemos estar nas batalhas sem deixar de ser mulher. Trago, na minha linhagem, histórias das minhas avós, minhas bisavós, minha mãe, que são caçadoras, pescadoras, que me ensinaram o que é ser uma mulher forte.

(Francilene Pitaguary)



Dificuldade e obstáculos



O massacre cultural, tanto religioso como de instituições. Tentam apagar nossa história e mostrar que nós não existimos. Ele nos impede de estar nos espaços, pintadas, usando nossos adereços. Temos que nos camuflar ao sair para podermos voltar para os nossos espaços. É o massacre que, até hoje, mata e queima. A guerra nunca acabou para nós. Nós somos resistentes, mas temos medo pelas que virão.

Sentimos que estamos correndo risco de entrar em extinção. Pajés, manjés, curandeiros, cachimbeiros, parteiras, cunhãs, todas, estamos correndo esse risco. Dia após dia, é mais difícil sobreviver nesse mundo de tecnologia que apaga essa importância de estar com o pé no chão.

Outra coisa é a falta de apoio para mantermos as nossas casas de reza, que são os nossos consultórios, onde chegam todo tipo de paciente. Primeiro, procuram a nós para, depois, irem até o posto. Não temos lugares para atender, para fazer o trabalho que gostamos. Às vezes, a gente se sente só. O pajé é o psicólogo, o juiz, muitas vezes é o padre da aldeia. Fazemos o papel de médico, de enfermeiros, da mesma forma que nossos antepassados faziam.

(Francilene Pitaguary)

Fortaleza feminina

Sou forte, guerreira e batalhadora, por estar quebrando barreiras, mostrando que não tem limite para uma mulher.

(Francilene Pitaguary)

Inspiração

Eu me sinto inspiradora. Desde pequena, faço parte de movimentos indígenas. Levantei e ajudei a organizar o movimento de juventude e de mulheres. Sempre estou somando e aconselhando, já estive à frente de várias organizações e, hoje, vejo pessoas que me tem como exemplo. Muitas mulheres vieram falar para mim que eu era um exemplo.

Com certeza, a mulher que mais me inspira chama-se Maria Liduína Pitaguary. É minha mãe que me ensinou esse caminho. Ela é exemplar! Foi uma das únicas que ainda morou em casa de sapê, na serra. Criou os irmãos, praticamente, só. Ela traz a linhagem de caçadora, é chefe de caça e, até hoje, os meninos da aldeia vêm conversar com ela e ela explica a caça, conhece todas as matas. Ela é rezadora, raizeira e é conhecida como mãe da aldeia, mãe de todos. Traz essa inspiração do que é ser mulher. Plantar é com ela. Também, começou a levantar o movimento indígena, andou, passou fome, frio, necessidade, foi perseguida por mostrar que nós somos indígenas. Em toda essa caminhada eu estava do lado dela, que é minha inspiração de vida.

(Francilene Pitaguary)

Povo Matriarcal



Meu povo é matriarcal. Então, minhas lideranças, minhas caciques, tem alguns homens, mas quem comanda, quem lidera meu povo, são as mulheres.

(Francilene Pitaguary)

Questão Jurídica



Temos a questão jurídica que vem do movimento indígena em si: as organizações, as instituições, centro de defesas e direito humanos que vêm ajudar a gente pela terra. Agora, tem a Secretaria dos Povos Indígenas do Ceará (Sepince) que vem ajudar a gente com algumas políticas públicas.

(Francilene Pitaguary)

Rede de apoio



Como nós somos lideranças indígenas, a rede de apoio que temos é o próprio movimento indígena. Nos apoiamos uns nos outros, mesmo, nos mais velhos. A rede de apoio que temos são nossos troncos velhos, que nos fortalecem quando precisamos. Nossos encantados de luz, nossa mãe Deusa Jurema e o nosso Deus Tupã, que é o nosso apoio maior.

(Francilene Pitaguary)

Representatividade



Por ser uma mulher indígena, uma manjé, a gente já começa a quebrar barreiras. Por ser uma jovem que levantou várias bandeiras de violência contra as mulheres, em organizações de juventudes e, agora, por estar junto com os meninos LGBT. Onde tem um espaço para que eu consiga defender meus filhos, eu estou lá.

(Francilene Pitaguary)

Trabalho



Sou professora de teatro, tento trazer várias ideias na escrita, no audiovisual, e mostrar que tudo é possível quando sonhamos juntos.

(Francilene Pitaguary)

DEPOIMENTOS

Sobre Francilene Pitaguary

“A Francilene é a mãe de todos e se preocupa com todo mundo, os idosos, as mulheres da aldeia que estão sofrendo violência, as crianças. É apoio em todos os momentos. Quando estou triste ou precisando, ela vai lá, para e me abraça. Ainda, faz a medicina tradicional e o artesanato. Ela e sua família inteira são maravilhosos e têm uma importância imensa. Para mim, ela é uma inspiração.”

(Vanderli Nascimento)

“Falar sobre Francilene é muito inspirador, poético e forte, porque ela é uma luz para muitas pessoas. É dizer do tamanho da grandeza e da resistência de uma menina que se transformou em mulher muito rápido, porque teve uma grande missão na terra, a de ser nossa pajé. É lembrar do quanto ela nos ajuda, nos sustenta, é cuidadora e nos representa muito.

Olhar para ela é olhar para uma direção certa, olhar para o horizonte e saber que tem caminho. É falar da defesa da natureza e dos animais. Ela acolhe e cuida dos nossos troncos velhos e tem um trabalho mais lindo ainda aqui na aldeia que é com as crianças.





Ela é filha de uma pantera negra e nos traz muitas bênçãos, um poder ancestral profundo e representa o povo Pitaguary e os pajés, porque já viajou o mundo levando a fala, a cura da natureza, a medicina tradicional, que a gente honra, das parteiras, das rezadeiras, das cachimbeiras e que é nossa raiz. Para aldeia Pitaguary e para as demais aldeias aqui do Ceará, a pajé Fran é uma espiritualidade que ecoa quando fala ou canta para nós.”

(Nádia Pitaguary)

FORTALEZA

Fortaleza é oficina feminina, laboratório de coragens, ateliê de valores, escola de persistências. A mulher de Fortaleza sabe quem: é Dona Francisca Maia, do Arraiá da Cumade Chica, e é Izabel Accyoli. É Shelda Bedê, do volêi de praia, e Pabyle Flauzino. É Rossicleia, a dona do humor e Amelinha, do Pessoal do Ceará. Sou eu, é você e estamos juntas. Fortaleza é raiz forte, de onde não falta fruto.

Izabel Accyoli



É graduada em Ciências Sociais (UFC), com mestrado em Antropologia Social (UFSCar). Foi diretora do Observatório de Governança Municipal do Ipplan / Prefeitura de Fortaleza. É casada e mãe de Vinícius e Flora Maria.

“

A persistência foi determinante na minha vida, não deixar que a estrutura, racista e machista, que trata meninas e mulheres negras como cidadãs de segunda categoria, determinasse o meu valor.

(Izabel Accyoli)

”

Ancestralidade



[...] as mulheres esquecidas da minha ascendência [...] tiveram sonhos que não viram luz.

(Renata Corrêa)

As mulheres da minha família, minha avó, Maria de Jesus, mãe da minha mãe, conseguiu criar os filhos, educá-los. É importante que a gente se inspire com as trajetórias de pessoas que estão perto da gente.

(Izabel Accyoli)

Dificuldade e obstáculos



O maior obstáculo para o meu sucesso pessoal e profissional é a estrutura, que não consegue perceber que tem gente que se parece comigo, com as minhas potencialidades.

Tenho que entregar muito mais do que uma mulher branca, do que um homem branco, do que um homem negro, porque sou mulher e negra.

Eu também sou uma pessoa com deficiência visual. Tudo isso faz com que a todo momento eu tenha que provar meu valor, em vários momentos da minha carreira e na minha trajetória de vida pessoal. Ter que se provar o tempo todo é perigoso, porque, quando você estiver fragilizado, você pode acabar acreditando que seu valor é questionável e isso faz com que você duvide de si mesmo.

(Izabel Accyoli)

Direitos



Eu tento fortalecer academicamente, politicamente, em nível de consciência racial, principalmente, as mulheres negras com quem convivo.

(Izabel Accyoli)

Fortaleza feminina



Precisei ser uma mulher forte durante muitos momentos da minha vida, mas isso não quer dizer que eu tenha gostado. Ao contrário, queria muito ter tido a proteção necessária. Desde a minha infância, passei por situações de vulnerabilidade que não me deram opção, era sucumbir ou ser uma menina, uma adolescente, uma mulher forte.



Eu não tinha muitas condições, o fluxo da vida não estava a favor da minha trajetória, mas a minha perseverança, a minha persistência, a minha ousadia de tentar ocupar lugares que, geralmente, não são ocupados por pessoas como eu, que vêm de onde eu vim, fazem as pessoas que se conectam com quem eu sou se sentirem inspiradas.

(Izabel Accyoli)

Inspiração



A maior parte das minhas amigas têm trajetória de vida muito semelhantes à minha. De serem meninas que vieram de comunidade ou de ocupação, de situações de um pouco mais de vulnerabilidade, mas que sonhavam um outro sonho, que fizeram a vida ser possível, que não desistiram na primeira porta fechada. Inspiro a partir do momento que se conectam com essa ousadia que tenho.

Trazendo mais para o lado da minha formação, me inspiro muito em Lélia Gonzalez, uma antropóloga brasileira negra, que teve uma atuação acadêmica e política muito produtiva e relevante. Ela não queria apenas estudar a realidade social brasileira, queria transformar essa realidade. Muito do meu trabalho tem a ver com isso.

Outra figura que é muito inspiradora para mim é Angela Davis, uma intelectual dos Estados Unidos, que, também, é muito relevante para os estudos do antirracismo, anticapitalismo e que carrega em si uma coerência muito

grande, que entende que as lutas estão conectadas. Por exemplo, não dá para você ser feminista e não ser antirracista e não ser anticapacitista. No final das contas, a gente briga por um mundo melhor para todo mundo e não só para quem se parece com a gente.

(Izabel Accyoli)

Mulher na política



Nosso papel na política é inspirador e mobilizador, fundamental para que sejamos representadas e tenhamos nossos interesses garantidos. Ainda, questionar essa estrutura machista que parte do pressuposto que o normal é que ela seja ocupada, majoritariamente, por homens. Homens cis, héteros, brancos, conservadores e que tendem a não se acostumar com nossa presença e com o nosso questionamento.

É possível e necessário estar nesse espaço, entendendo que existem suas muitas dificuldades, como a violência de gênero, infelizmente ainda muito comum.

(Izabel Accyoli)

Rede de apoio



Posso contar, muitíssimo, com minhas amigas, com outras mulheres, em suma, com mulheres negras: Nathália Santiago, Lucilda Cavalcante, Joelma Sousa e Camila Soares. Não foi uma escolha que essa rede de apoio fosse composta por mulheres negras, mas o próprio correr da vida fez com que essas mulheres se identificassem comigo e construíssem essa relação de apoio mútuo.

(Izabel Accyoli)

Redes sociais



É um campo de batalha em que a gente precisa estar atuante. Não é mais o lugar desconectado da nossa vida. Lá, as mulheres são muito ofendidas, inclusive há pesquisas com dados falando que as negras são as maiores vítimas do ódio. Então, eu me disponho a ocupar esse espaço, mesmo com toda a violência nele presente, porque preciso dizer para essas mulheres que elas não estão sozinhas.

Quando comecei a militar na questão do feminismo negro, Cícera Barbosa, uma grande feminista negra daqui de Fortaleza, me deu uma xérox bem surrada de um livro da Angela Davis e disse:

— Olha, toma isso daqui. Tu vai gostar!

A escassez de informação e de repassar esse conhecimento era muito grande naquela época e, hoje, a gente consegue através das redes sociais trazer informação e disseminar conhecimento de uma forma mais natural, mais orgânica, e chegar a públicos que, às vezes, nem imagina. Acho que me destaco, também, por meio das redes sociais trazendo esse discurso e esse tipo de reflexão para outras mulheres negras, inspirando, também, com minha trajetória de vida, a estudar, a entrar na faculdade, fazer pós-graduação, porque esse conhecimento liberta e transforma e talvez essa seja a minha maior contribuição da minha luta.

(Izabel Accyoli)

Sororidade



Sou uma intelectual, gosto de estudar, de pesquisar, mas tem muito nítido na minha cabeça que esse trabalho tem um propósito de transformação das próprias condições de vida de outras mulheres negras, de outras crianças negras e isso é fundamental para mim.

(Izabel Accyoli)

DEPOIMENTOS

Sobre Izabel Accyoli

“Izabel é uma profissional incrível, uma professora excelente, com habilidades técnicas e comportamentais, que está sempre disposta a ajudar. Ela me inspira por ter coragem de seguir seu próprio caminho, por ousar sonhar uma sociedade melhor e trabalhar por isso.

É alguém que mostra o seu amor por meio de ações e não só por meio de palavras. É mãe da Flora e do Vinícius e constrói sua família com base em acolhimento e acho lindo puder vê-la com os filhos, porque é mais uma faceta, mais um recorte de quem é Izabel.

Ela representa muitas coisas e acho importante falar isso em voz alta, porque significa que não estou negando a ela o que nos é negado, a nós, mulheres negras, que é a possibilidade de sermos complexas. Muitas vezes, somos resumidas a mulher guerreira, que performa, que é mãe e que serve as pessoas, mas ela rompe essas barreiras e se constitui com várias facetas numa só. Então, honrar Izabel Accioly é falar dessa complexidade, da sua autenticidade e admiro cada uma das Izabéis que habitam dentro dela.

É alguém que me representa intelectualmente e que faz parte de um grupo seletivo de mulheres negras extremamente articuladas.”

(Nathália Santiago de Pinho)

“A Izabel é uma amiga da qual tenho muito orgulho e que admiro muito como pessoa, como profissional e em vários aspectos da vida. É uma pessoa que me inspira demais, pois é uma mulher doce, muito inteligente e que tem uma energia incrível. A gente se conheceu no ambiente acadêmico, mas se aproximou, virou amigas e, hoje, somos família. Sou muito, muito feliz por isso, porque ela é uma pessoa maravilhosa, sensacional, que amo muito.”

(Joelma Sousa)



Pabyle Flauzino

Pesquisadora com bolsa de dedicação exclusiva



“

Nós passamos por muitas situações, sejam elas mais leves, sejam mais dramáticas, com subjugações, com traumas, com feridas importantes e, ainda assim, conseguimos nos reinventar e seguir.”

(Pabyle Flauzino)

”

A nutricionista moradora do Grande Bom Jardim viveu sua infância na periferia e encontrou na sua experiência com comida regional o mote para traçar sua trajetória. Pabyle é doutoranda em Saúde Coletiva e usa um codinome que nasceu da vontade de desconstruir conceitos. Ela incentiva debates sobre gordofobia, machismo e discute o conceito sobre “comida de verdade”. Pabyle espera que “você mude o mundo, não o seu corpo”, um jargão mais que necessário em um mundo que exige das mulheres medidas restritas e intervenções cirúrgicas para alcançar um padrão estético que mutila e causa dores, principalmente na época da cultura do cancelamento e do excesso de ódio promovidos ou facilitados pelas redes sociais.

Ela trabalha para que não demonizemos a comida e não fechemos a boca, pois acredita que a restrição alimentar ferrenha não é a solução. Contribuindo para avanço deste debate no Ceará e para o entendimento de que “a gente tem que começar a entender o contexto, e não o alimento.”

De uns tempos para cá, esse assunto vem começando a ser debatido, mas ainda de forma muito embrionária. [...] a gente vem começando a olhar para isso, para essa necessidade de desconstruir um padrão imagético irreal. É preciso incorporar mais corpos diferentes e tirar a noção de que comida pode ou não pode. É um movimento contra-hegemônico.

(Pabyle Flauzino)

Pabyle defende que as pessoas saibam a origem do alimento e a trajetória que ele faz para chegar às mesas. Afirmar que, principalmente, o público infantil precisa saber como os alimentos são plantados, colhidos, embalados, transportados, limpos e consumidos. Precisa ainda entender os processos mais justos, sustentáveis e saudáveis.

Dificuldades e obstáculos



Meu objeto de estudo, há alguns anos, se volta para uma violência que não é tão explícita quanto às direcionadas ao gênero. É um pouco mais simbólica, mas, também, é uma forma de distanciamento e discriminação contra mulheres. É a pressão estética junto à gordofobia. Quando a gente pensa numa interseccionalidade, pensa na violência contra mulheres gordas, negras, periféricas, LGBTQIA+... Eu me somo nesta luta pelos direitos femininos, pelo direito de existir e, especialmente, existir como se é.

(Pabyle Flauzino)



No caso de mulheres gordas, de terem acesso à saúde básica, porque, primeiramente, não conseguem acessar a estrutura da saúde. Hoje, se uma mulher gorda maior chega a uma unidade básica de saúde, ela corre o risco de não ter a pressão aferida porque não consegue ter um manguito, uma braçadeira que comporte. Ela não consegue sentar numa cadeira de vacinação porque existe uma estrutura que não a comporta. Então, ela não consegue passar sequer da primeira triagem. Quando chega a um consultório médico, existe a violência de reduzir todos os problemas ao emagrecimento, a um tipo estético, a um tipo de corpo padrão, que muitas de nós não vamos ter. Então, eu me somo e me destaco na luta pelos direitos femininos, especialmente, porque essa gordofobia é muito mais voltada, centrada e direcionada para corpos de mulheres. Eu me somo a partir do momento em que lanço luz sobre isso, para que os profissionais de saúde, as políticas de estruturas e intersetoriais comecem a observar que nós estamos falando de mais da metade da população e ainda existe uma progressão de aumento. A progressão é que, até 2050, mais da metade, quase 70% da população, seja gorda. Esse tem sido meu trabalho na minha localidade.

Por muito tempo, fui muito mais ativa no cyberativismo de redes sociais. Eu tentava encontros presenciais com as mulheres, mas, também, fazia a escuta delas por meio de áudios e conseguia direcioná-las a um assistente social, psicólogo, a outros colegas nutricionistas.

(Pabyle Flauzino)

Se eu entender sucesso como uma estabilidade financeira e de bem-estar, claro que dentro de uma oscilação, entendo que o maior obstáculo para o meu sucesso, pessoal e profissional, parte muito do local de onde venho e do local que estou querendo me inserir. Vim de um local que não tem muito capital social, e, hoje, nós sabemos que não basta ter somente o capital econômico. Você tem que ter um ciclo de pessoas que precisa saber seu nome para que seja colocado num destaque. Ainda estou querendo ir para esse local, o acadêmico, extremamente excludente, elitista, que mina as possibilidades, inclusive, de mulheres, de pessoas periféricas, que nunca tiveram acesso, por exemplo, a um inglês, a um lugar fora do país, ou mesmo

fora do estado. O maior obstáculo é esse e ele vem do sistema. É estrutural e não foi feito para que eu saísse e, também, não foi feito para me aceitar. Então, não me aproximo das pessoas, por exemplo, da periferia, porque já sou acadêmica demais, mas, no meio acadêmico, não me aproximo das pessoas porque sou periférica demais. Existe esse obstáculo sistêmico que é um dos maiores desafios para que eu consiga essa estabilidade plena, que sei que é utópica, mas que a gente tá pensando aqui. Se a gente não pensar na utopia, a gente vai pensar no quê?

(Pabyle Flauzino)

Fortaleza feminina

Sou uma mulher forte, especialmente, porque a minha definição de forte é uma possibilidade de se reescrever.

(Pabyle Flauzino)

Inspiração

Venho de uma família em que o estudo significava tudo. Eu me agarrei a isso. Hoje, sou a primeira 'quase doutora' dentre os membros, seja por parte de pai ou de mãe. Com isso, minhas próprias parentes se enxergam em mim de alguma maneira. Eu as motivo a estudar, a não pedir licença para entrar, a reivindicar um espaço que já é nosso. Com meu trabalho, inspiro outras mulheres a não aceitarem o lugar que foi dito, a não ser que faça sentido, a buscarem formas de trabalhar suas potências, especialmente, porque meu objeto de estudo fala sobre a violência que nós sofremos, principalmente, estética. Então, é como se elas tirassem alguma venda dos olhos, como se percebessem que sentiram essa dor a vida toda e achavam que era normal, que não gostar do corpo, que ouvir comentários sobre o corpo fosse algo aceitável. Elas entendem que isso é comum, mas não é normal e, aí, nós não normalizamos mais uma violência. Acredito que as inspiro a tomar as rédeas.

Tento descentralizar bastante a minha inspiração, não focar em só um tipo de mulher. Eu me inspiro em escritoras, em mulheres com histórias de muito emponderamento que conseguiram, de alguma maneira, transpor uma lógica que era dada a elas. Mas, também, me inspiro em mulheres com quem convivo diariamente, sejam elas da minha família, do meu trabalho, mulheres que conheço, que vejo a luta, mas que nunca troquei uma palavra. Busco identificar coisas que admiro, que eu gostaria de ter também para somar ao mundo. Então, acabo pensando em muitas pessoas, vendo muitas pessoas e me inspirando nelas.

(Pabyle Flauzino)

Mulher na política

Existe política sem o papel da mulher, hoje, para nós?

(Pabyle Flauzino)

Não vejo a possibilidade de dissociar isso se nós falarmos que mais da metade da população constitui-se de mulheres. Especialmente quando nós pensamos no público que mais sofre com diversas situações, sejam elas sociais, estruturais, ou mesmo de base. São as mulheres que estão no mapa da fome, que são vítimas de feminicídio. É um grupo extremamente vulnerável e é esse grupo que deveria estar no centro de poder, no centro de debate, não só como tema, mas como feitoras mesmo, de colocar a mão na massa, de entender, de ler, de escrever, de delegar as políticas de proteção, de afirmação, do que quer que seja. O papel da mulher na política é fundamental, estrutural, indiscutível e mais do que necessário.

(Pabyle Flauzino)

Rede de apoio



Conto com uma rede de apoio, a minha família [...], três amigas que são de longa data e que são pau para toda obra. Em um círculo mais distante, tem algumas pessoas que são amigas mais recentes, mas que estão sempre disponíveis para me dar a mão, para ouvir as minhas lamúrias, para me dar uma palavra de conforto. Essa rede de apoio é muito coesa e importante para mim enquanto mulher, enquanto profissional e me constitui de maneira importantíssima.

(Pabyle Flauzino)

DEPOIMENTOS

Sobre Pabyle Flauzino

“Como nutricionista, a Pabyle me lembra que a nutrição não é sobre quebra de padrões, mas sobre acolher, respeitar e transformar. Como mulher, ela me inspira a resistir, a questionar e a existir com liberdade e, no meio disso tudo, ainda consegue nos lembrar que a vida, também, pode ser tão gostosa quanto um bolo partilhado.”

(Amanda do Vale)

“Sigo a Pabyle há muitos anos e ela foi uma das primeiras pessoas que me trouxe um contato com uma nutrição desconstruída, sem aquele padrão de dietas restritivas, de demonizar certos tipos de alimentos. Ela trouxe para mim uma nutrição acolhedora, mostrou que comida é afeto, que comida é social, que comida é muito mais que só o ato de comer. Depois, através da abertura que ela deu na minha vida, encontrei outras profissionais, como a minha psicóloga que me





ajudou a tratar a insatisfação corporal que nem percebi que tinha, porque não via que era uma questão social, de fato. Para mim, era uma questão individual e comum a todas as mulheres e a Pabyle traz uma forma de a gente olhar para nós mesmas e para nós enquanto sociedade e questionar. Ela vai mostrando que as coisas como estão não são normais, que não é porque é como é que se deve manter dessa forma. Ela vai mostrando que é possível pensar e agir de outra forma. Suas ideias saem do Nordeste e reverberam pelo mundo inteiro.

Fico super orgulhosa de vê-la crescendo, de ver como ela está conquistando mais coisas e como mais gente está podendo conhecê-la, porque, além de ser uma profissional muito incrível, de trazer a nutrição para a prática, para o arroz e feijão, para o prato Durablex, ela faz tudo com muito humor. Você nem percebe que você está ali, criticando o capitalismo, criticando a sociedade, repensando a sua forma de viver, de comer. Repensando a sua própria visão política e, junto com ela, quando você vê, já foi tomada ali, por esse senso crítico, por essa diversão, por essa leveza como ela traz as coisas, por muita seriedade com a ciência, ela explica as questões da ciência como alguém explica a receita de bolo. Ela consegue transcrever, traduzir, essa linguagem que é tão difícil, infelizmente.”

(Giovanna Mazzuli Marcelino)

LITORAL LESTE

(Aracati, Beberibe, Fortim, Icapuí, Itaiçaba e Jaguaruana).

Uma mulher é como uma rota para um sol que nasce e que segue para um corpo de praias, com falésias coloridas feitas de areia e argila, de dunas e lagoas. A renda traduz a alma feminina das terras, refletindo as tradições e condensando tudo em um pôr do sol único. Na região, escolhemos falar de Itaiçaba.



ITAIÇABA

Terra de resistência indígena, mas também abençoada por Nossa Senhora da Boa Viagem. Suas mulheres fortes venceram inundações, mas se mantêm firmes, como a Serra do Ereré e a encantada Donzelinha.

Lugar com força de mulher, como as comunidades onde as gestoras e lideranças comunitárias têm praticado a escuta, o diálogo e a construção coletiva e debatem sobre autonomia, igualdade de direitos e o fortalecimento das políticas públicas para as mulheres.

Lúcia Helena Holanda da Silveira



A professora do 5º ano da Escola de Ensino Fundamental Dulcineia Gomes Diniz, autora do Projeto Bom de Letra, foi selecionada para representar a região Nordeste no 8º Prêmio Professores do Brasil, na categoria “Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, com eliminatória em São Paulo, no final de 2014.

A iniciativa, do Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Básica, visava reconhecer, premiar e divulgar professores das redes públicas pela contribuição na melhoria da qualidade da educação básica.

“

Até me reconhecer, me aceitar LGBTQI, como uma mulher que podia (e pode) lutar pelos seus direitos, ser o que quiser, do jeito que quiser e fazer o que quiser, eu mesma fui o meu maior obstáculo.

(Lúcia Helena Holanda)

”

Dificuldades e obstáculos



Alfabetizei uma prima quando estava no meu 5º ano do fundamental. Foi um desafio grande, precisei me desconstruir, tirar aquele vitimismo. Quando dei esse salto, me reconheci uma professora capaz, e desbravei o mundo.

Meu maior obstáculo foi o medo que eu tinha dentro de mim. Quando superei, eu mesma me transformei e consegui ser a mulher que sou hoje, empoderada, que conhece seus direitos, sabe do seu valor, sabe entrar e sair de um lugar e não deixa que ninguém desvalorize. Eu sou essa pessoa.

(Lúcia Helena Holanda)

Inspiração



Aprender a admirar outras mulheres e descobrir modelos aspiracionais femininos é um passo importante para que possamos nos olhar também com admiração e autoamor, sem precisar da muleta da aprovação masculina.

(Renata Corrêa)

Ex-alunas, que hoje estão na mesma profissão, dizem:

— Tia, a senhora é minha inspiração.

Sou uma mulher LGBTQIAPN+, apesar de ter um filho de 17 anos. Não me escondo atrás de nada.

Moro em um bairro periférico, em um conjunto habitacional, e luto pela comunidade. Procuro mostrar o que é o certo, respeitar as pessoas pelo que elas são e não pelo que elas têm.

Sou fã de mulheres que têm história na história, como a Zilda Arns. De mulheres meninas, como a Greta. Mas, também, de mulheres da minha família - mãe, avó, tias, cunhadas -, professoras que eu tive, ou que são colegas de profissão e várias outras que encabeçaram a luta pelos direitos das mulheres aqui no nosso município.

Eu luto pelos direitos das mulheres de serem quem querem ser. Direitos de empoderamento, de sororidade.

(Lúcia Helena Holanda)

Mulher na política



A mulher tem uma visão macro, bem mais ampla, principalmente para as causas sociais e da educação. A gente consegue se colocar em qualquer lugar, se molda à estruturação e consegue lutar pelos direitos de uma categoria, de uma sociedade. A mulher consegue ver além das paredes, além dos muros. A política é um local masculino e a gente precisa acabar com isso, precisa colocar as mulheres nos seus lugares de destaque.

(Lúcia Helena Holanda)

Trabalho



Quando precisei me reconstruir na vida profissional, dei um salto na vida pessoal. Quando eu consegui me realizar com o 'Prêmio Professores do Brasil', consegui ver que podia. As portas se abriram para mim e vi que existia um mundo além de Itaiçaba. Fui para São Paulo, concorri com 6.808 professoras de todas as regiões, fui selecionada pela região Nordeste.

(Lúcia Helena Holanda)

DEPOIMENTOS

Sobre Lúcia Helena Holanda

Como mãe, cuida com o coração. Como mulher, se impõe com dignidade e orgulho. Como educadora, deixa sementes que florescem em vidas transformadoras em boa parte dos seus alunos.

“Lúcia Helena não é apenas mãe, mulher ou professora, é uma força que inspira e transforma a nossa educação. Em cada passo da sua trajetória, há marcas de luta, dedicação e entrega. É uma mulher firme, determinada e assumida, que nunca se escondeu, nem nos dias mais difíceis, nem diante dos desafios, ao contrário, são nesses momentos que sua luz brilha cada vez mais forte. Além de professora, foi diretora e hoje, com bastante maestria, é coordenadora em uma outra cidade do nosso município. Atua, também, como técnica na Secretaria de Educação, na função de Superintendente. Sua jornada foi construída com muito trabalho, sensibilidade e visão, e ela foi muito além quando conquistou um prêmio inédito para nosso município, o Prêmio Professores do Brasil, que, para nós, é uma honra, que traduz o que ela é para nossa educação: uma referência, um exemplo, uma inspiração.

Lúcia Helena representa tantas outras mulheres que, como ela, não apenas ocupam espaço, elas os reconstroem. Sua representatividade é um presente para esse município porque ela é uma das pessoas que nos mostra, todos os dias, que a educação muda o mundo e que mulheres fortes, como ela, são as grandes responsáveis por tudo isso.

Eu só tenho que agradecer a Lúcia por ser essa voz forte na educação e, diria, até um farol.”

(Claudenísia Maria Holanda Lemos)





Empoderada, determinada e incansável!

“Lucinha é uma pedagoga que fez e faz da sua trajetória um verdadeiro ato de amor pela educação do seu município, estando sempre pronta e preparada para transformá-lo. Ensina-nos que não devemos esperar pelas melhores condições, temos de fazer acontecer. Ela sabe que o foco deve estar nos resultados e que, se tivesse olhado somente para os desafios, já teria parado. Sua força está atrelada a seguir em frente, de cabeça erguida, feliz e com o propósito de transformar vidas.

O que acho mais bonito na Lucinha, é que, além de ela ser uma boa profissional, ela é uma alma generosa e é preocupada com o outro. Está sempre nos acolhendo, escutando, estendendo a mão. Para mim, recém-formada, adentrando nesse mundo como agente transformadora, é um exemplo diário, pois nem todos os outros querem abrir seu leque de conhecimentos e nos ensinar. Mas ela acredita nos jovens, oferecendo oportunidades reais, do dia a dia, para que a gente possa crescer. Ela compreende que o conhecimento que não se compartilha se perde. Por isso, vejo nela humildade e grandeza.

Ela me representa enquanto mulher quando vejo nela a coragem de ocupar espaços, de levantar a voz, de não calar, principalmente, de se cuidar. Ela me ensina a ser uma mulher que lidera com amor, sensibilidade, com firmeza. É isso que eu quero ser! Ela é a referência que eu precisava para acreditar que a educação é a chave de tudo, que estou no caminho certo e que, para transformar a realidade em que eu estou inserida, vou ter que arregaçar as mangas.

Conviver e conhecer essa mulher foi um verdadeiro presente para mim e para quem acredita na força da educação.”

(Hellen Mary Almeida de Araújo)

Sobre Lúcia Helena Holanda

Nossa cidade tem que se orgulhar da pessoa e da profissional que a Lúcia é.

“A professora Lúcia Helena, muito conhecida no nosso município como a professora Lucinha, já tem uma carreira consolidada. Sempre prezou pela educação, colocando-a como base e instrumento, levantando a bandeira, independente de qualquer circunstância.

É autora do Projeto Bom de Letra, que trouxe a premiação dos melhores professores do Brasil. A gente, de uma cidade pequena, vê-la desbravando o Brasil e se posicionando entre seus grandes educadores, é um acontecimento que nos deixa muito felizes.

Lúcia Helena é competente, esforçada, determinada e está pronta para colaborar com os colegas de profissão e repassar seus conhecimentos. É uma pessoa muito empática, sempre envolvida em ações sociais que possam trazer uma melhor qualidade de vida para os que mais precisam.

Eu me considero privilegiada de ter tido a chance de conhecer a Lucinha tão de perto, como pessoa e como profissional. Aonde ela vai, deixa uma marca, uma semente plantada, e em Itaiçaba tem deixado muitos frutos que já brotaram. Ela tem vários alunos que já estão cursando faculdade ou que já concluíram uma graduação e estão ganhando o mundo, construindo saberes e isso é muito importante.”

(Ildenê Rocha)

“Sempre foi uma professora dinâmica que esteve à frente das lutas educacionais. Essa companheira de lutas sindicais é minha fonte de inspiração porque é uma mulher determinada, que sempre entrou com muita garra em tudo que se propôs a fazer, sendo sempre muito autêntica. Essa força de guerreira que ela tem, sempre é, para mim, fonte de inspiração. Lúcia Helena me representa como mulher. ”

(Rosângela Barbosa)



LITORAL NORTE

(Acaraú, Barroquinha, Bela Cruz, Camocim, Chaval, Cruz, Granja, Itarema, Jijoca de Jericoacoara, Marco, Martinópolis, Morrinhos e Uruoca).

BARROQUINHA

*“o lento caminhar das dunas
espalha seu silêncio pela estrada
feito canto de pássaro perdido no horizonte
espalha o sol seu itinerário
pela praça da matriz
pela rua do ouvidor e da usina
o lento caminhar dos dias
percorre campos rios e praias
derrama suas pequenas conchas pela areia
repousa seus mangues no pontal das almas
espalha seus barcos pela praia de bitupitá.”*

(Adriano Aragão, 2019)



Maria Carneiro Fontenele



Maria Carneiro Fontenele é um coletivo em si. É Darcicleia ou Darcinha, e representa também outras de nós. Desde 1983, ela vem sendo um presente para a comunidade de Barroquinha.

“

Costumo incentivar o direito da mulher na minha comunidade, falando que o lugar delas é onde desejam estar. Dou essa força também para a nossa participação na política, que é essencial para a discussão de temas como a igualdade.

(Maria Carneiro Fontenele)

”

Fortaleza feminina



Eu me considero uma mulher forte. Resolvo minhas coisas, da minha mãe, do meu pai, do meu irmão, do meu sobrinho... Já enfrentei vários obstáculos e, mesmo assim, não desisti, continuo lutando. Cada queda é um aprendizado.

(Maria Carneiro Fontenele)

Trabalho



Trabalhei 10 anos como Agente Comunitária de Saúde (ACS) e conheci muita gente. Saí do cargo, mas o cargo não saiu de mim e mantenho vínculo com as pessoas da minha comunidade. Faço trabalho voluntário na minha área: retiro ponto, dou injeção, marco consulta quando a pessoa precisa. Também, tenho uma lojinha on-line, faço entrega, mas não deixo de dar assistência às pessoas.

Teve um tempo que eu estudava, estava no ensino médio, já. Aí, desisti, porque me casei. Não deu certo! Acho que perdi uns três anos. Depois, voltei, terminei e fiz um curso técnico em enfermagem. Daí, então, deu tudo certo.

(Maria Carneiro Fontenele)

Inspiração



Inspiro outras mulheres pela minha coragem e pelo apoio que costumo dar a elas. Sempre recebo elogios pela forma que oferto meu ombro, quando a pessoa precisa.

Minha maior inspiração é minha mãe, que vive me ensinando lições de vida. Ela é um modelo de força, um exemplo. Acorda cedo todos os dias, cuida da casa, cuida da gente e nos apoia em tudo, torcendo para crescermos, sempre do nosso lado. O que ela for fazer, ela nos chama, para conversarmos e pedir opinião.

(Maria Carneiro Fontenele)

Obstáculos



O maior obstáculo para o meu sucesso pessoal e profissional é a ausência de oportunidades, também para cuidar um pouco da minha saúde, física e mental, porque, quando não estou bem comigo mesma, nada flui, perco energia, me desorganizo, começo a duvidar de mim e, no fim, isso atrasa meus planos, meus sonhos...

(Maria Carneiro Fontenele)

Rede de apoio



Teve uma época que participei da Pastoral da Criança e alguns líderes formaram minha rede de apoio. Foi assim: tinham pessoas da cidade que eram dos grupos da sede. Aí, como eu trabalhava de agente de saúde, a gente criou um grupo aqui, no interior, para ajudar quando a pessoa estava precisando fazer um exame, uma consulta, a gente marcava. Durou muito tempo, depois foi acabando.

(Maria Carneiro Fontenele)

Direitos femininos

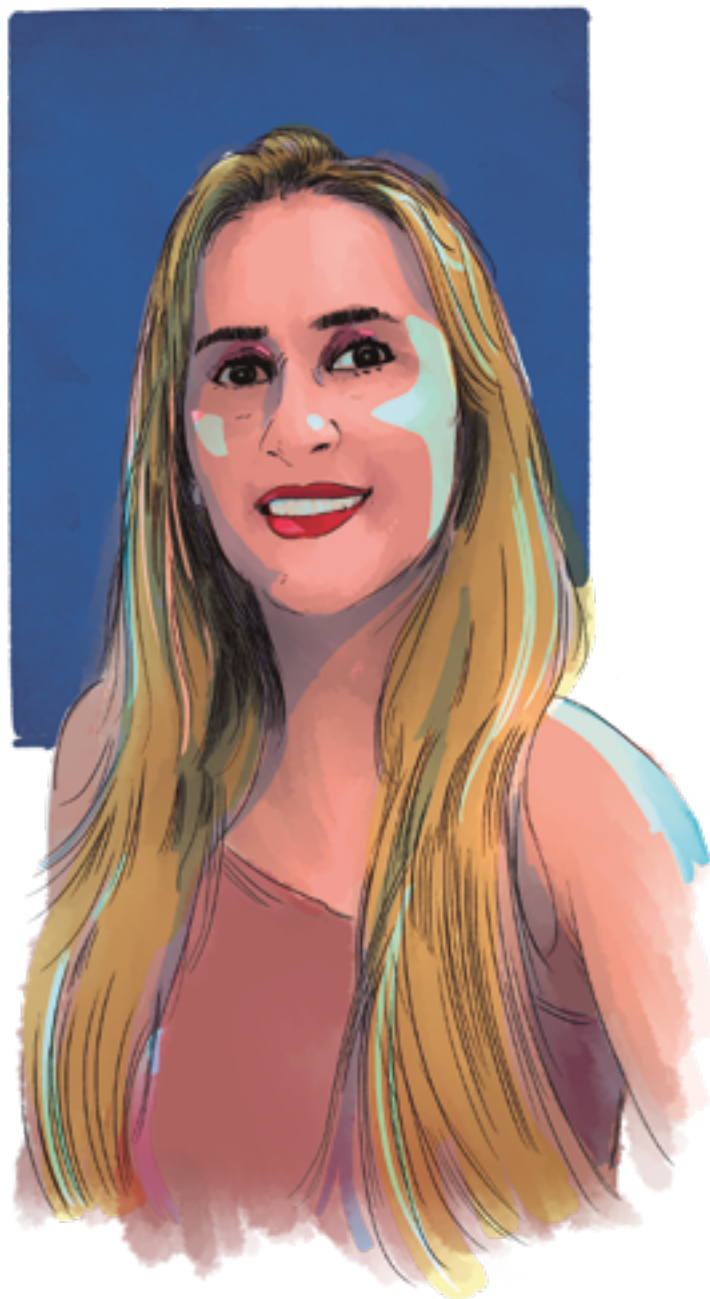


Costumo incentivar o direito da mulher na minha comunidade, falando que o lugar delas é onde desejam estar. Dou essa força também para a nossa participação na política, que é essencial para a discussão de temas como a igualdade.

(Maria Carneiro Fontenele)

GRANJA

Elenilda Magalhães de Oliveira



Elenilda Magalhães de Oliveira tem quase 50 anos e duas filhas. Trabalha na Associação de Apoio Comunitário de Granja (AACG), como voluntária, há quase 29 anos. Por isso, em 2017, recebeu, pelo projeto *Mulheres em destaque*, uma homenagem que ressalta sua trajetória. Em 2023, foi enaltecida pela Comissão da Mulher Advogada, da Ordem dos advogados do Brasil (OAB) de Sobral, no projeto *Somos mulheres, somos inspiradoras*. E, agora, em 2025, o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Guilherme Gouveia repetiu o feito.

“

Pude perceber que toda minha força vinha e vem da união e do trabalho de apoio mútuo das mulheres que estão ao meu lado.

(Elenilda Magalhães de Oliveira)

”

Fortaleza feminina



Eu me considero uma grande mulher. Acredito que isso se deva às várias experiências e desafios que eu enfrentei. Não foi fácil, mas, com toda a minha capacidade de enfrentar as dificuldades e com toda a minha determinação de buscar as mudanças positivas para apoiar a minha comunidade, consegui.

Pude perceber que toda minha força vinha e vem da união e do trabalho de apoio mútuo das mulheres que estão ao meu lado, durante todo esse ano de projeto que liderei, com os eventos que nós promovemos. Uma oportunidade de mostrar que pude transformar a realidade de muitas famílias ao nosso redor.

Tenho orgulho de ser uma voz ativa, representando as necessidades e os desejos da nossa comunidade. Isso requer muita coragem e perseverança para enfrentar as resistências e continuar lutando por nossos objetivos. Procuro apoiar as pessoas que passam por dificuldade e que se encontram em estado de vulnerabilidade social na nossa cidade. Elas, às vezes, procuram rede de apoio e não encontram.

(Elenilda Magalhães de Oliveira)

Inspiração



Minha inspiração vem de várias ações e interações que tenho com as mulheres assistidas pela Associação. Pensar que elas podem se inspirar em mim me motiva ainda mais a continuar meu trabalho.

Compartilho das minhas experiências, ao contar minhas histórias, ao falar sobre os desafios que enfrentei. Outras mulheres podem até se identificar e perceber que não estão sozinhas. O que mais acho importante é que elas possam ser capazes de lutar pelos seus ideais e acreditar na sua própria capacidade de buscar um trabalho social e, também, de lutar pelos seus objetivos.

(Elenilda Magalhães de Oliveira)

A Associação de Apoio Comunitário de Granja (AACG)

Na Associação, cada pequeno avanço é uma vitória coletiva.

“A AACG começou com um grupo de seis mulheres e, atualmente, seu corpo técnico é quase 90% feminino. Hoje, temos quatro mulheres das que, há 29 anos, deram início a essa Associação. As outras tomaram seu rumo.

Todo mês, incentivamos a participação ativa das mulheres nas reuniões e projetos. A gente procura criar um espaço onde todas se sintam valorizadas. Então, quando as vejo se manifestando e contribuindo com suas ideias, sinto que estou ajudando a construir uma rede de apoio e emponderamento.

Muitas vezes, eu me coloco à disposição para orientar e apoiar aquelas que desejam desenvolver suas habilidades, pois a nossa troca de conhecimento é fundamental para criar futuras lideranças, porque a gente não está aqui para toda a vida e alguém tem que nos substituir nesse trabalho.

É um trabalho que amo de coração, de paixão. Passei parte da minha vida me dedicando intensamente a ele e a tudo o que a gente atende.

Eu via a satisfação das pessoas em apoiar outras e, aí, me enchia de esperança para que pudéssemos alcançar o que temos hoje na nossa cidade e na nossa Associação, nos tornando protagonistas aqui dentro de Granja.



Minha história mostra que é importante as pessoas se envolverem e ajudarem o outro, fazendo um trabalho social. Devido ao tempo que estou na AACG, eles acreditam no que é feito, na certeza de que é realizado um bom trabalho.

Na Associação, a gente oferece um espaço de discussão para que essas mulheres possam expressar suas ideias e se envolver em decisões que afetam suas vidas, tornando-as mais empoderadas diante das dificuldades e das vulnerabilidades em que se encontram nessa sociedade desigual. A gente está aqui para apoiar, levantar e continuar lutando, mesmo diante das adversidades. Esse é meu papel na AACG.

Acredito que a gente possa alcançar mais sucesso e inspirar outras mulheres a fundar e criar associações.”

(Elenilda Magalhães de Oliveira)

Inspiração



Sempre me inspiro nas mulheres da minha família, principalmente na minha mãe, uma agricultora que criou sua família em meio à falta de recursos, em tempos difíceis.

Também procuro me inspirar nas mulheres da minha comunidade, que estão ao meu redor. Nas mães das nossas crianças e dos adolescentes; nas mães atípicas, que hoje estão na luta por seus direitos e dos seus filhos. E na voz das amigas que enfrentam desafios diários. Para mim, elas são verdadeiras heroínas, com suas histórias de superação. É essa força que me motiva a continuar meu trabalho diário.

Procuro também me inspirar em outras mulheres, podendo citar a grandiosa e corajosa Malala, que luta pelo direito da educação das meninas, mesmo diante de ameaças de morte e dos desafios. Ela é profundamente inspiradora, pois sua determinação e resiliência mostraram que uma única voz pode provocar uma mudança significativa no mundo.

(Elenilda Magalhães de Oliveira)

Obstáculos



A conciliação entre a vida profissional e as responsabilidades familiares foi e é o meu maior desafio constante. Muitas vezes, sinto que preciso escolher entre dedicar tempo ao meu trabalho na Associação e estar presente para minha família. É uma pressão que me faz refletir e pode ser um fator que limita meu potencial, porque a gente se autoavalia. Mas, também, isso me impulsiona a buscar soluções criativas para meu equilíbrio diante dessas demandas.

Um dos obstáculos que a gente vem enfrentando é a falta de recursos e apoio financeiro para implementação de novos projetos. Chega a ser frustrante, quando a gente tem grandes ideias mas não consegue concretizar por falta de apoios, parceiros e investimentos.

Vejo cada desafio como uma oportunidade de aprendizagem e de crescimento. Cheguei até aqui, com quase 29 anos à frente de uma Associação

com um trabalho que já beneficiou milhares de famílias na cidade, entre crianças, adolescente e jovens.

(Elenilda Magalhães de Oliveira)

Rede de apoio



A maior rede de apoio que tive dentro da Associação foi um grupo de quatro mulheres que me apoiaram na criação da AACG, que são grandes amigas, até hoje. A gente compartilhou várias experiências e trocou ideias, nos apoiamos mutuamente com nossos projetos. Essa conexão só me fortaleceu com o compromisso dentro da comunidade.

Outra rede é feita pela Associação Grupo de Apoio às Comunidades Carentes (AGACC), sediada em Fortaleza, que tem um trabalho com outras associações na busca e efetivação de projetos sociais. A AGACC é parceira da entidade francesa Partage, que hoje mantém os recursos dos projetos que a gente desenvolve.

A gestão municipal também vem desenvolvendo uma ótima parceria com a Associação, visando ao desenvolvimento de atividades com as crianças e adolescentes.

Hoje, participo de vários conselhos municipais de direito, representando a Associação junto às secretarias intersetoriais. Tenho assento, voz e voto. Participo diretamente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher na minha comunidade. Esses encontros só fortalecem a nossa solidariedade e nos permitem trabalhar juntas para promover mudanças na política da mulher dentro do município.

Fazer parte dessa rede é essencial, porque vejo que não estou sozinha nessa jornada. Isso me dá força e motivação para continuar e seguir em frente. Quando você organiza, planeja e idealiza um trabalho assim, você tem garra, e trabalha com prazer, com amor. É assim que eu me vejo. Por isso que, até hoje, ainda não desisti. Porque acredito nesse trabalho, no protagonismo, na mudança do outro.

(Elenilda Magalhães de Oliveira)

Mulher na política



Admiro e aplaudo a mulher que se engaja na política, que luta pelos seus direitos e por justiça. Sei que sua participação desafiou as normas sociais e estereótipos de gênero, mas, também, que transformou a percepção sobre o que podem alcançar em esfera de liderança.

Não sou da política partidária, mas sim da política democrática, que impulsiona as outras mulheres e desafia também, que está na luta do dia a dia.



Cada vez mais é preciso que mulheres se façam ouvir e ocupem espaços de decisão. Isso só enriquece a democracia e promove um futuro melhor para todos.

(Elenilda Magalhães de Oliveira)

Direitos



Eu me destaco na luta pelos direitos femininos na minha localidade de várias formas, principalmente quando promovo palestras sobre empoderamento feminino, onde abordamos temas como igualdade de gênero e saúde da mulher. Esses encontros ajudam a conscientizar e educar a comunidade sobre seus direitos.

Apoio mulheres em situação de vulnerabilidade, encaminho aos serviços de proteção em parceria com as organizações locais para oferecer suporte - psicológico, jurídico e no acesso a recursos - àquelas que enfrentam violência doméstica ou outras formas de discriminação.

Ao unir força, a gente pode fazer uma diferença significativa em nossa comunidade. Tá certo que isso não é de imediato, mas a médio e longo prazo. O importante é que de grão em grão a gente consiga plantar algo.

Eu diria para as mulheres que elas são mais fortes do que imaginam, que suas vozes são poderosíssimas na sua comunidade, na sua família e no seu meio.

(Elenilda Magalhães de Oliveira)



SERTÃO CENTRAL

(Banabuiú, Choró, Deputado Irapuan Pinheiro, Ibaretama, Ibicuitinga, Milhã, Mombaça, Pedra Branca, Piquet Carneiro, Quixadá, Quixeramobim, Senador Pompeu e Solonópole).

Os sertões e as serras secas e o clima tropical semiárido. As formações rochosas são como mulheres, os monumentos também. A Pedra da Galinha Choca, os monólitos. As duas estações bem definidas: chuvosa e seca. A produção de caju, de castanha e de sucos. As fábricas de tijolos e telhas.



QUIXERAMOBIM

A populosa cidade que é “Coração do Ceará”, do Rio Ibu, de Santo Antônio de Quixeramobim, da casa da câmara em estilo colonial, da escola para meninas e que foi palco das lutas de Os Sertões, de Euclides da Cunha, da Praça Dias Ferreira. A caatinga arbustiva com cactos e a vegetação rasteira com árvores baixas e cheias de espinho.

Severinas Mulheres do Sertão

Em 2024, o Severinas foi selecionado em quarto lugar na Categoria Produção e Difusão do 13º Edital Ceará das Artes - Fotografia, da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE). O edital faz parte das ações previstas pela Lei Paulo Gustavo (LPG). A troca faz parte das oficinas de ativismo feminista propostas para o edital. O projeto tem como objetivo realizar rodas de conversa e formações em ativismo feminista, oficinas de bordado, uma exposição fotográfica rural coletiva e, por fim, uma transmissão on-line no Youtube para compartilhar e democratizar as experiências vividas.



Meu problema não é maior do que o da minha companheira. Temos que ter empatia e devemos respeitar o espaço da outra. Aqui, tem a que gosta de brincar e a que não gosta de falar, mas somos todas mulheres fortes, lindas, guerreiras, desenroladas, trabalhadoras e maravilhosas. Somos o florescer.

(Ana Patrícia Miguel de Sales, Bruna Natasha Fernandes Rodrigues, Camile Cristine Fernandes da Silva, Consuelo Ferreira Cândido, Cristiana Zacarias de Sousa, Kaila Maria de Sousa, Maria Lúcia de Souza, Maria Martinez de Souza, Bruna).

Aprendemos a ouvir mais e respeitar uma a outra, seus limites, suas qualidades e defeitos. [...] Nosso sonho é que todas tenham um futuro melhor.

(Ana Carla Gomes dos Anjos, Antônia Eliane Maciel, Cristiana Zacarias de Sousa, Eliane de Sousa, Ingrid Lorrany Pessoa Fernandes e Vera Lúcia Silva).

O que vivemos juntas vai além da palavra: cada uma trouxe sua história e suas dores, suas conquistas, seus medos e sua coragem. [...] nos apoiamos e nos abraçamos, em gestos e palavras. Somos muitas, somos fortes e [...] juntas podemos tudo.

(Tayná Pimenta, Antônia Débora, Ana Maria, Sandra Maria e Andreia Martins).¹



¹Texto compilado a partir das cartas trocadas pelo grupo de mulheres do projeto *Florescer*, por meio de uma iniciativa do Instituto Primeiro Estágio de Esporte, Cultura e Educação, uma organização sem fins lucrativos, do município de Quixeramobim. O objetivo da ONG é combater a desigualdade e ressignificar os paradigmas sociais.

Desde 2018, o Severinas Fotografia e Audiovisual, idealizado por Mayara Albuquerque e Maria Oliveira, conta com exposições rurais, rodas de conversa em assentamentos e comunidades e oficinas em escolas públicas.

Editais: Prêmio Periferias e Interiores da Fundação Nacional de Artes (Funarte) - 1º lugar; X Edital Ceará de Incentivo às Artes 2015 Secult; Prêmio Funarte Descentrarte Edital XIV; Edital Ceará de Cinema e Vídeo da Secult (Cine Severinas - cineclube itinerante, que percorre assentamentos e comunidades de Quixeramobim e discutem gênero, feminismo e o universo das mulheres rurais).

“O projeto Severinas Mulheres do Sertão promove rodas de conversas sobre a relevância do feminismo e sua importância histórica no cotidiano das mulheres. É um espaço de escuta, de acolhimento, de fortalecimento [...] onde as mulheres trocam vivências, experiências e é muito enriquecedor.

O clube de leitura Mulher e literatura é voltado para a discussão de obras escritas por mulheres [...]. É um local de empoderamento. Nossas conversas vão muito além da literatura, a gente discute questões sociais, culturais, políticas e, através desses encontros, desse diálogo, acredito que a gente realmente amplia essa consciência de luta, de uma sociedade mais igualitária e mais representativa para as mulheres.”

(Maria Oliveira)

Em cada Severina, mil formas de Ser tão mulher.

“O Severinas é uma rede de apoio. Quando há um encontro do clube de leitura, nós saímos completamente renovadas. É uma verdadeira terapia estar com outras mulheres. É uma rede de apoio que eu tenho muita sorte de ter, porque é sólida, é real e faz toda a diferença na minha vida.”

(Mayara Albuquerque)

Mayara Albuquerque

Mayara Albuquerque é educadora, pesquisadora feminista e realizadora do projeto Severinas Mulheres do Sertão. Doutoranda em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará, é artevista feminista e uma das fundadoras do Coletivo Feminista Severinas, além de mediadora do Clube de Leitura Mulher e Literatura, nas cidades de Quixeramobim e Quixadá. Coordenou o Cine Conselheiro, projeto contemplado no XI Edital Ceará de Cinema e Vídeo 2014, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, e, atualmente, coordena o Cine Severinas, um cine-clube feminista itinerante, com apoio do mesmo edital. Foi coordenadora pedagógica da Casa de Antônio Conselheiro, equipamento da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Idealizadora do projeto fotográfico Severinas Mulheres do Sertão, o qual realiza desde 2018, desenvolve pesquisas no campo da literatura, fotografia, audiovisual e gênero.



“

A gente se retroalimenta enquanto mulher nessa caminhada por uma sociedade mais justa, mais igualitária, menos violenta e cruel com as mulheres.

(Mayara Albuquerque)

”

Maria Oliveira

Maria Oliveira é residente de Quixeramobim e professora. Licenciada em Letras português e inglês, especialista em Literatura e Formação do Leitor – ambas pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenou, com Mayara Albuquerque, o Cine Conselheiro. Participou da ONG Instituto do Patrimônio Histórico, Cultural e Natural de Quixeramobim (IPHANAQ) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de Quixeramobim. Realiza o projeto “Severinas Mulheres do Sertão”.



“

Ainda que a gente enfrente muitas barreiras, como misoginia, machismo, que a gente sabe que é estrutural, a violência política de gênero, cada mulher que ocupa uma cadeira, que levanta uma pauta, uma ideia, abre caminho para outras mulheres ocuparem esse espaço que é fundamental para a mudança real na sociedade.

(Maria Oliveira)

”

Cuidado



Sou professora, mas também sou cuidadora da minha mãe. É uma dupla responsabilidade, que, por mais que eu consiga dar conta, pode ser bastante desgastante, principalmente em relação ao emocional. Em alguns momentos, sinto uma sobrecarga, uma exaustão silenciosa, [...] medo de não dar conta.

Quando a gente fala do empoderamento da mulher, da importância de ocupar espaços de poder, e de manifestar livremente o pensamento, as ideias, e a gente vê essas mulheres ocupando os espaços, isso tem uma representatividade absurda. A gente percebe que o país está avançando rumo a uma democracia mais justa, mais diversa.

(Maria Oliveira)



Dificuldades e obstáculos



Meu maior obstáculo, pessoal e profissional, não se resume a uma só coisa. É a correria do dia a dia, a autosabotagem, às vezes, também, a insegurança. Eu me considero um pouco crítica, perfeccionista, então, posso sentir uma espécie de medo, dúvida sobre minha capacidade de fazer algo que eu, realmente, considere bom. Então, acabo perdendo um pouco do meu foco e um pouco, também, da determinação inicial.

(Maria Oliveira)

Meu maior obstáculo é lidar com o medo. Enquanto mulher, você tem medo de ir e vir, do que pode acontecer se sair ou viajar sozinha. Então, enquanto professora, sou uma mulher que está sempre em movimento, me preocupo muito. Eu tento, inclusive, não me preocupar tanto para que eu não deixe de ser funcional. Esse, com certeza, é o meu medo mais doloroso, porque

não depende de mim, depende de uma estrutura e uma conjuntura política, sociológica e filosófica. Enfim, é o patriarcado.

(Mayara Albuquerque)

Fortaleza



Ser forte não é mostrar força física, claro. Muita gente é forte fisicamente, mas pode se quebrar muito rápido diante de uma mudança, de um desafio. Acredito que ser forte seja, exatamente, ter esse reconhecimento da sua fragilidade, dos seus medos. Eu me considero uma mulher forte porque aprendi a me conectar comigo mesma. Não é uma coisa fácil, tem que ter uma constância. Quando você consegue se conectar, você consegue se manter mais firme, mais calma, focada no que você quer. Consegue encarar qualquer desafio que apareça. Acredito que a força seja esse reconhecimento do seu próprio potencial, das suas fraquezas, mas, também, seja essa conexão com você mesma, de saber que você é capaz.

(Maria Oliveira)

No momento em que me considerei feminista, percebi que, durante toda a minha vida, fui uma criança feminista, que nunca se calou diante da opressão, das violências cotidianas que as mulheres sofrem.

Enquanto mulher, ainda me cobro mais, gostaria de ser ainda mais forte. Mas isso é um processo para toda a vida.

(Mayara Albuquerque)

Inspiração



Como sou professora, espero que eu inspire outras pessoas. A gente está sempre plantando uma sementinha, mas não sabe se esse pensamento sobre empoderamento, sobre educação, que a gente cultiva em sala de aula, realmente, consegue germinar em algum momento. Mas a gente faz o nosso papel.

Não há maior inspiração do que ver uma mulher fazendo algo que ela realmente ame, que tenha paixão, que se sinta livre e reconhecida. Se, de alguma forma, eu conseguir despertar esse sentimento em alguém, fico muito feliz, e acredito que pode ser em decorrência da minha empolgação de ensinar, aprender, aumentar minha curiosidade sobre a vida, sobre tudo. E isso influi diretamente na minha fala, no meu modo de viver. A paixão por fazer algo significativo, algo que você mesma admira e se sinta realizada, é transformador.

Muitas mulheres me inspiram! Mesmo que eu fale algumas, vou acabar esquecendo várias, exatamente porque muitas marcaram a história. Eu me lembrei agora da Malala, Conceição, Carolina, Elza, Dilma, Manuela, Rita, Gal... Essas mulheres, em áreas diferentes - literatura, política e música - conseguiram romper um pouco desse padrão dos lugares que as mulheres podem ocupar.

Acima de tudo, me inspiro em mulheres que me cercam no dia a dia, que cuidam, que sustentam, que criam filhos, que enfrentam, diariamente, jornadas duplas, às vezes triplas, que, mesmo diante de todas as dificuldades, ainda encontram tempo, encontram energia para manter tudo em pé, mulheres que se dedicam, trabalham duro, fazem muito com pouco. Vejo muita força, muita coragem nessas mulheres, que fazem tudo isso com muita dignidade, muito amor. Essas mulheres que não tem o reconhecimento público são, também, minha inspiração.

(Maria Oliveira)

Eu poderia passar anos e anos falando das mulheres que me inspiram. Consigo ir da minha mãe até a Leide Gaga, Malala, Conceição Evaristo, Maria da Penha e tantas outras, porque é através dos escritos, da arte dessas mulheres, de conversas com a minha mãe, que eu sigo sendo uma mulher, completamente, inspirada.

Acredito que inspiro outras, enquanto militante, ativista, educadora, pesquisadora feminista. Ser uma mulher que inspira outras é sobre ter um olhar mais generoso, menos duro e violento.

(Mayara Albuquerque)

Mulher na política



A presença da mulher na política não é uma questão apenas de representatividade. As mulheres vão trazer novas perspectivas, formas diferentes de pensar, de agir, às vezes, formas até mais inclusivas.

Ainda que a gente enfrente muitas barreiras, como misoginia, machismo, que a gente sabe que é estrutural, a violência política de gênero, cada mulher que ocupa uma cadeira, que levanta uma pauta, uma ideia, abre caminho para outras mulheres ocuparem esse espaço que é fundamental para a mudança real na sociedade. O papel da democracia é construir algo, mas que todos tenham um espaço de decisão, e as mulheres estão incluídas nisso.

Contribuo para a luta dos direitos das mulheres, principalmente, por meio da minha atuação como professora. Utilizo muito a minha fala para promover reflexões sobre o papel da mulher na sociedade, sua história, as resistências e as conquistas.

(Maria Oliveira)

Rede de apoio



Minha rede de apoio não é grande, mas a considero afetiva, presente, e acho que, de várias formas, ela me fortalece no dia a dia.

(Maria Oliveira)

Minha rede de apoio é que me faz ter sucesso nas minhas ações e na minha vida, de modo geral. Eu conto com, além da minha família, as mulheres, que são companheiras de luta, que fazem parte dos nossos sonhos e graças.

(Mayara Albuquerque)

Sororidade



A gente se retroalimenta enquanto mulher nessa caminhada por uma sociedade mais justa, mais igualitária, menos violenta e cruel com as mulheres.

Minha vida, ao longo desses últimos anos, tem sido dedicada a ler mulheres, a assistir a filmes dirigidos por mulheres, a estar em ambiente em que as mulheres falam, a ser, completamente, movida por mulheres e isso é extremamente inspirador.

(Mayara Albuquerque)

DEPOIMENTOS

Sobre Mayara Albuquerque e Maria Oliveira

“Conheci o projeto Severinas, idealizado pela Mayara e pela Maria, em 2023, e, desde lá, participo do Clube de Leitura, que é uma das ações desse projeto. A proposta é fazer leitura. É decidido, geralmente, no final do ano, quais obras serão lidas no ano seguinte, de uma forma coletiva, cada um pode levar sugestões e todo mundo que tá participando decide junto. Então, são livros de autoria feminina, tanto livros mais teóricos, sobre feminismo e patriarcado, como, também, literatura, mas, em geral, que vai por esse caminho do universo feminino, suas problemáticas. Sempre tem a discussão da questão de gênero e os encontros são sempre muito ricos, na discussão sobre a obra e em partilhas pessoais. É um clima muito acolhedor.

Quando conheci o Clube, eu tinha passado recentemente por um período muito desafiador na minha vida. Começar a participar, estar ali, junto, chegar nesse espaço e me sentir acolhida e pertencente me ajudou muito nos meus processos pessoais pelas quais eu estava passando.





Eu não sabia muito e me interessava pelo assunto tanto que, de lá para cá, tenho aprendido bastante. É algo que eu também levo para sala de aula, para discutir com os alunos e me sinto mais consciente sobre mim mesma, enquanto mulher, sobre as relações de gênero na sociedade, sobre essas tensões todas que existem.

Tanto Maria, quanto Mayara, tenho uma grande admiração por elas, tem essa ação que é do Clube de Leitura, mas elas têm ações Severinas que levam o áudiovisual para as escolas públicas e para as comunidades rurais, também, com esse foco de falar sobre a mulher, sobre a violência de gênero, sobre o patriarcado, sobre a mulher do campo. É muito rico para se discutir e chega em muita gente.

O projeto tem uma biblioteca que está se expandido cada vez mais para que o acesso à leitura também chegue a mais pessoas. Tenho um carinho muito grande, um respeito muito grande por esse projeto.”

(Danielle Gomes)

“São duas mulheres inspiradoras, mas eu diria que todas as mulheres que participam do projeto são inspiradoras. Nem Maria, nem Mayara pegam o projeto para si, elas sempre tratam da questão do coletivo. Nunca as vi dizendo ‘meu projeto’; é sempre no coletivo, o que deixa o projeto mais bonito ainda e fortalecido. Com essa experiência, me sinto mais fortalecida e empoderada como mulher, entendendo melhor a posição da mulher no mundo e isso acontece não só comigo.

As Severinas que participam, atuam no Clube de Leitura, Literatura e Mulheres, assim como outros projetos aqui que as Severinas trabalham no Sertão Central. Trabalhar com mulheres é me sentir representada, são uma grande fonte de inspiração, enquanto educadoras, enquanto mulheres, enquanto pessoas que estão na luta pela redução da desigualdade de gênero, pela diminuição da violência contra a mulher. Poder conviver com essas mulheres é compreender meu processo individual enquanto pessoa e que eu não estou sozinha na luta.”

(Larissa Fernandes)

SERTÃO DOS CRATEÚS

(Ararendá, Catunda, Crateús, Hidrolândia, Independência, Ipaporanga, Ipueiras, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Novo Oriente, Poranga, Santa Quitéria e Tamboril).

Terras sofridas por litígio nos lembram mulher. A cerâmica, a tecelagem e a escultura também. Não a escassez de água, não. Mas sim as indígenas tabajaras, potiguaras, cabalaças, kariris, tupinambás e as descendentes africanas. A simplicidade e a forte ligação com as terras cortadas pela ferrovia nos falam sobre o feminino. Ainda, a poesia popular e a vida migrante. Muito no Sertão dos Crateús e em todos os outros nos lembram mulher. Aqui, a representatividade recai sobre Monsenhor Tabosa.



MONSENHOR TABOSA

A edificação da primitiva capela da igreja matriz, sua reforma e ampliação, a Serra das Matas, a Serra Branca, a zona rural de Monsenhor Tabosa que foi Forquilha e Telha, ambas com pronome feminino e maiúsculo. Bem como as remanescentes de antiga olaria com resíduos da cerâmica.

As mulheres taboenses trazem em si tatuagens simbólicas de união, o trabalho e sentimento de pertença. Em Monsenhor Tabosa, tem Marias de todos os cantos, casadas com suas histórias coletivas. Aqui, apresentamos Maria Castro Farias Lima para honrar todas as outras.

Maria Castro Farias Lima

Aposentada, é voluntária da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), onde contribui para a educação e a saúde de pessoas com deficiência intelectual e múltipla e luta contra a discriminação e o preconceito enfrentados, cotidianamente, pelas famílias, bem como por seus direitos.



“

Faço dos obstáculos um aprendizado para poder melhorar e estou sempre pronta para recomeçar. Isso é um objetivo pessoal meu.

Inspiro outras mulheres quando exponho meu exemplo de não me sentir diminuída diante das dificuldades da vida. Estou pronta para resolver o problema.

(Maria Castro)

”

Dificuldades e obstáculos



O maior obstáculo é uma sociedade capitalista em que, ainda, há falta de conhecimento da mulher no mercado de trabalho. A persistência da desigualdade de gênero manifesta-se de diversas formas, como violência e assédio sexual.

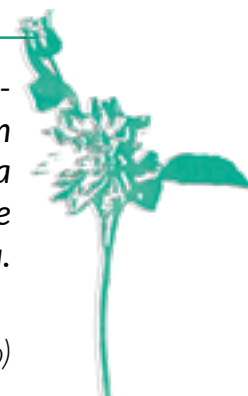
(Maria Castro)

Inspiração



Eu me inspiro em mulheres que são exemplo de superação. Empoderadas e resilientes. Mulheres que são positivas e encorajam outras a se sentirem valorizadas. Eu destaco minha mãe, dona Maria. Eu a admiro muito pela sua jornada de vida repleta de história, de batalhas conquistadas, de experiência e sabedoria. Minha mãe, o meu primeiro exemplo.

(Maria Castro)



Destaco, também, a Dr^a. Aldenora, uma grande médica que muito contribuiu para o meu desempenho enquanto enfermeira. Passou-me relação de confiança, de humildade, de conhecimento técnico, de empatia e ética profissional, com muito respeito.

Marina Silva, ministra do meio ambiente, representa para mim defesa da proteção ambiental, da sustentabilidade, do ecossistema. Também, Maria da Penha, uma mulher que enfrentou tudo.

(Maria Castro)

Mulher na política



O papel da mulher na política é lutar pelos direitos femininos, diminuir o feminicídio.

Eu me destaco na luta pelos direitos femininos, nos movimentos, nos debates,

nas rodas de conversas [...], ajudando as mães que, como eu, também, têm filhos com habilidades diferentes que precisam de mais atenção.

É preciso formar grupos de apoio para buscar os mesmos objetivos, buscar projetos que apoiam as famílias dos adolescentes com deficiência, sejam elas intelectual ou múltipla. Na fundação de APAEs, na fundação de ONGs, lutei muito. São muitas barreiras enfrentadas, muitos obstáculos superados também. Então, eu me destaco dessa forma.

(Maria Castro)

Rede de apoio

Conto com as mães atípicas, com algumas rádios, com as reuniões, os debates, as rodas de conversa, as entidades filantrópicas, as associações que me apoiam muito até nos movimentos se for preciso.

(Maria Castro)

DEPOIMENTOS

Sobre Maria Castro Farias Lima

“Falar de Maria Castro é muito bom, pois ela é uma mulher guerreira e determinada. Nosso convívio é de tempos remotos e sempre fomos amigas, porque ela é fácil de conviver, é caridosa, elegante e carrega em si o dom de ajudar as mães atípicas. Por ter um filho com deficiência, foi uma das precursoras da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Independência. Ainda hoje, é voluntária e presidente da APAE. Seu trabalho é grandioso, respeitado e ela, realmente, abraça a causa.

Na sociedade, representa uma pessoa íntegra e tem, também, um projeto que a natureza agradece, um depósito de reciclagem, o DI PAULA, onde ela dá condições de trabalho para as pessoas carentes.”

(Raimundinha Mendes)





“Maria Castro foi uma das fundadoras da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) - de Independência, que vem atuando no acompanhamento de muitas pessoas com deficiência, a fim de torná-los incluídos na sociedade. Pela sobrecarga de desafios, resiste ao cansaço e aos julgamentos e dá conta do filho com deficiência, às vezes, invisível para a sociedade. Mas, ela consegue, com muita resiliência, superar.

Destaca-se em nosso município pela sua força e coragem de viver, assim como muitas mulheres e mães atípicas. É, também, comprometida com as lutas na área social e ambiental, ajudando a comunidade a transformar o lixo em objetos usuais, zelando pelo que é comum. Então, representa e inspira nós todas, mulheres, que lutamos para promover um mundo mais justo e fraterno.”

(Rosa Gonçalves)

VALE DO JAGUARIBE

(Alto Santo, Ererê, Iracema, Jaguaretama, Jaguaribara, Jaguaribe, Limoeiro do Norte, Morada Nova, Palhano, Pereiro, Potiretama, Quixerê, Russas, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte).

Banhada pelo rio Jaguaribe, vestida pela biodiversidade, com a estampa e o encanto da caatinga, dançante do maracatu e dos coletivos juninos feito uma mulher que se vê inteira, mesmo em condições áridas, pois foi obrigada a carregar consigo um enorme potencial de adaptação. Da região do Vale do Jaguaribe, convidamos Nova Jaguaribara.

NOVA JAGUARIBARA

Uma mulher é como uma cidade, organizada para abrigar as próprias necessidades e sonhos, mas que também é morada. Uma mulher é como um reservatório de água doce, belo e imponente. Uma mulher é um polo inteiro. O polo de Nova Jaguaribara é a Dona Rosa Rodrigues.



Rosa Rodrigues Silva

Dona Rosa, descendente de indígenas, mulher negra, forte, honesta e sobretudo mãe, era lavadeira e gari, esposa de um caminhoneiro, que apenas vinha em casa para ver a família de 15 em 15 dias. Com ele, ela teve 15 filhos, sendo 4 meninas. Por não terem hospital, chegaram a perder 3 filhos, sendo 2 meninos. Depois do falecimento dos bebês, a senhora teve mais 3 filhos, colocando nesses os mesmos nomes dos que chegaram a falecer.



Um dia, seu esposo foi embora e formou outra família na cidade de Iguatu, deixando-a com os filhos para criar. Ela precisou pôr de lado a tristeza e reagir. Ficou mal, mas não baixou a cabeça.

Dona Rosa foi chamada para trabalhar na prefeitura de Jaguaribara com a função de varrer 3 ruas da cidade. Para isso, sua mãe, Edite, cuidava das crianças e os seus seis filhos mais velhos foram trabalhar para ajudá-las. Começou a lavar roupas para famílias tradicionais na cidade para ganhar um pouco mais.

“

Muitos fazendeiros começaram a pedir meus filhos ou queriam comprar. Mas, eu falava:

– Vou criar meus filhos com o que eu tenho, mas não dou um deles a ninguém e, com o apoio da minha mãe, vou criar como pessoas de bem. E não há dinheiro para comprar meus filhos.

(Rosa Rodrigues)

”

Dona Rosa deu estudo para todos os seus filhos que, passado o tempo, casaram, tiveram seus próprios filhos. Todos, Franciscos e Franciscas (Francieudo, Francine, Antônio, Francineide, Josefa, Francisco, Maria, Vital, Francisco dos Santos, Francimar, Diassis e Francisco das Chagas) Rodrigues Saldanha.

Inspiração



Minha mãe me ensinou a trabalhar. Tudo que sei foi ensinado por ela. Ficou sem o marido e soube criar os filhos muito bem. Eu não era solta na rua. Ela foi uma guerreira.

(Rosa Rodrigues)

Mulher na política



Como mulher na política, eu gosto da vereadora Damiana, que vejo trabalhando, vindo nas casas para falar com o povo. Gosto muito das outras também, não tenho o que dizer, não. Deveria ter mais mulher na política.

(Rosa Rodrigues)

Trabalho



Criei 12 filhos, sem pai, sofrendo muito. O pai deles me abandonou, deixou nas minhas costelas. Fui trabalhar para criar: lavar roupa, engomar, apanhar feijão, torrar café. Meus filhos comeram porque trabalhei e dei de comer a eles. Todo serviço eu fazia e nunca saí de casa, fiquei mais eles. Não me dei bem no casamento, mas criei meus filhos. Deus me deu saúde e me ajudou.

(Rosa Rodrigues)



Estou doente do joelho, mas sinto saudade do meu serviço, da minha roupinha que eu lavava para ganhar um tostão.

Com o dinheiro do aposento, compro meu remédio. Compro fiado, depois, quando recebo, vou pagar.

(Rosa Rodrigues)

DEPOIMENTOS

Sobre Maria Castro Farias Lima

“Rosa Rodrigues Silva, conhecida como Rosa Gaga, é uma senhora de muita força e resistência. Teve todos os partos em casa, com ajuda de uma parteira e à luz de lamparina, porque sua casa não tinha energia elétrica. Teve filho que nasceu com a luz de uma fogueira feita pelos vizinhos e os criou sozinha, lavando roupa no rio e engomando no ferro à brasa.

No final da tarde, depois das lavagens de roupa, ela punha uma esteira no chão com a comida, todo mundo sentado e, também, os filhos do prefeito, do fazendeiro, que eram amigos dos dela, vinham e sentavam para comer o pirão de peixe da Rosa. Então, ela é uma mulher muito querida e batalhadora que criou os filhos direito. Nenhum formado, porém todos criaram suas famílias, são trabalhadores e dispostos. É uma mulher que nos inspira e espelha. Uma mulher de luta.”

(Maria Cecília Santos de Araújo)





AS AUTORAS

“Quantas mulheres talentosas não se tornaram grandes apoiadoras de homens talentosos e quantas mulheres talentosas estão [...] se virando nos trinta com jornadas estafantes para estarem nos lugares onde merecem estar?”

(Renata Corrêa)





**Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar.
(Francisco, el Hombre)**

Luzia Leda Batista Rolim é jornalista formada pela Universidade de Fortaleza (Unifor) e especialista em Assessoria de Comunicação pelo Centro Universitário Estácio do Ceará.

Como assessora de comunicação, atuou por 14 anos no Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), órgão vinculado à Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Exerceu a função também no Comitê de Responsabilidade Social da Alece e na Escola Porto Iracema das Artes, vinculada ao Instituto Dragão do Mar. Atualmente, integra a Célula de Assessoria de Comunicação da Alece.

Produziu documentários, matérias jornalísticas e campanhas publicitárias, além de material para o Ceará WebTV (webjornal do então Governo do Estado do Ceará), pela Equador BTL Produções de Cultura e Arte. Foi, ademais, produtora-executiva e coordenadora-geral dos II e III Simpósios Mídia Nordeste, realizados pelo Instituto de Referência da Imagem e do Som (Iris).

É coautora das duas edições da coleção *Maternidade e trabalho* (*Maternidade e trabalho no Parlamento Cearense* e *Maternidade e trabalho: os desafios do maternar atípico*) e da minibiografia *Vamos brincar de Olimpíadas?*, para o compêndio *Histórias Cearenses Inspiradoras em Olimpíadas Científicas I*.



*Triste, louca ou má
Será qualificada ela
Quem recusar
Seguir receita tal*

*A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina*

*Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar.
(Francisco, el Hombre)*

Rachel Garcia Bastos de Araújo é mestre em Gestão de Negócios pela Universidade Estadual

do Ceará (Uece); turismóloga e estudante de psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor), tendo lecionado pela Escola Superior do Parlamento Cearense (Unipace), Universidade Vale do Acaraú (UVA) e Faculdade de Tecnologia Intensiva (Fateci).

É escritora e consultora literária, trabalhando com publicação de livros desde 2008. Foi aluna do premiado escritor Joca Terron, no curso “O extraordinário”, de George Perec; do renomado roteirista Aleksei Abib e do biógrafo Lira Neto.

Como autora, publicou *Da Rua da Frente à Beira-Mar: histórias de pescador* (La Barca), o homônimo infantil (Expressão Gráfica e Editora), *Pra onde foi todo mundo?* e *Vovó Alice, Costureira e conselheira* (Editora Beira-Mar). Tem, no prelo, o romance *Água de pimenta longa* e o infantil *João Vicente da Vicentina*.

Na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece), está há 15 anos, sendo nove no Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), onde atuou como redadora de textos institucionais para as publicações físicas e virtuais. Pelo Inesp, ainda publicou duas edições da coleção *Maternidade e trabalho* (*Maternidade e trabalho no Parlamento Cearense* e *Maternidade e trabalho: os desafios do maternar atípico*) e o infantil *A luz de cada um*. Foi coordenadora editorial, entre outras obras, de *Histórias Cearenses Inspiradoras em Olimpíadas Científicas - vol. I e vol. II*. Atualmente, é coordenadora técnica do Comitê de Responsabilidade Social (CRS).



*Eu não me vejo na palavra
Fêmea: alvo de caça
Conformada vítima*

*Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar.
(Francisco, el Hombre)*

Samya Régia Figueiredo Vieira Antero é formada em Marketing e Publicidade pela União Educacional de Brasília (UNEB) e é psicóloga clínica (CRP 11/11131) pela Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU). É pós-graduada em Plantão Psicológico e Psicologia Hospitalar, com ênfase em Cuidados Paliativos, pela Universidade do Parlamento Cearense (Unipace); Psicoterapia de Casal e Família pelo Centro Gestáltico de Fortaleza e Psicologia Positiva pela Câmara de Dirigentes Logistas (CDL). Atende de forma particular na clínica Elabore.

Trabalha na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece) há 19 anos, tendo exercido a função de Assessora Técnica no Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp) por 16 anos e de Psicóloga no Departamento de Saúde e Assistência Social (DSAS), onde atendeu na Psicoterapia Individual (adulto, casal e família) e no Núcleo de Atendimento à Pessoa com Fibromialgia (Napfi). Atualmente, facilita o grupo de mães atípicas e está como coordenadora da Célula de Saúde Mental e Práticas Sistêmicas Restaurativas do Comitê de Responsabilidade Social.

Escreveu textos para a revista da Escola Laços do Saber e para o blog Lugar Artevistas e é coautora das duas edições da coleção *Maternidade e trabalho* (*Maternidade e trabalho no Parlamento Cearense* e *Maternidade e trabalho: os desafios do maternar atípico*) e do infantil *A luz de cada um*. É autora e organizadora da cartilha *Cuidando de quem cuida: recebi o diagnóstico, e agora?* (Guia para pais e responsáveis de crianças neurodivergentes).



***Ela desatinou,
Desatou nós.***
(Francisco, el Hombre)

Tainah Marinho Aldigueri é Engenheira Civil formada pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (Uninassau). Em 2020, diante dos desafios da pandemia, iniciou sua trajetória profissional em um escritório de assessoria em licitações e governança

— experiência que consolidou seu conhecimento em direito administrativo e ampliou sua compreensão sobre a gestão pública. Em 2021, passou a atuar na Secretaria de Obras do município de Granja, aprofundando sua experiência em políticas de infraestrutura e bem-estar social. Em 2024, disputou as eleições municipais para o cargo de prefeita de sua cidade natal, Barroquinha.

Moldada por essas vivências, sua atuação política e social é marcada pela união entre técnica e sensibilidade, sempre guiada pela defesa de políticas públicas eficientes e humanas, bem como pela valorização da presença feminina nos espaços de poder.

Coautora da cartilha *Violência Política de Gênero no Brasil e no Ceará*, Tainah é voz ativa na defesa dos direitos das mulheres. Idealizadora do Selo Alece Conselho Tutelar que qualificou 151 municípios do Ceará e do projeto Alcance + Saúde, dedica-se ao fortalecimento da proteção à infância e à ampliação do acesso à saúde para jovens. Em parceria com o Centro Inclusivo para Atendimento e Desenvolvimento Infantil (CIADI), promove ações voltadas à inclusão de crianças e famílias atípicas. Também lidera o Comitê de Responsabilidade Social da Alece, tendo eleito o ODS 5 — Igualdade de Gênero — como diretriz de todos os projetos, ações e iniciativas desenvolvidos em 2026. Além disso, preside o conselho consultivo da Casa de Vovó Dedé, instituição reconhecida por transformar vidas por meio da música, da arte e da educação.

Super-homem

Gilberto Gil

“

Um dia

*Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter*

Que nada

*Minha porção mulher que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver*

Quem dera

*Pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera
Ser o verão o apogeu da primavera
E só por ela ser*

Quem sabe

*O super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um Deus o curso da história
Por causa da mulher*

”



OUTRAS OBRAS SOBRE O ASSUNTO

Brasil na discussão sobre o feminino universal, de **Clarissa Pinkola Estés**, oferece-nos uma análise de mitos e de contos de fadas, buscando resgatar a essência instintiva, poderosa e criativa da mulher e a reconexão com sua própria natureza.

Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis, de **Jarid Arraes**, recupera a história de mulheres negras esquecidas.

Lugar de fala, de **Djamila Ribeiro**, traz o conceito de “lugar de fala” no contexto das lutas feministas e antirracistas.

Mulheres e feminismo no Brasil, de **Celi Regina Pinto**, oferece um panorama da trajetória do feminismo no Brasil, suas correntes e desafios em diferentes contextos políticos e sociais.

Olga Benário Prestes: uma comunista nos arquivos do KGB, de **Anita Leocádia Prestes**, é a biografia da militante comunista desde sua juventude até sua morte em um campo de concentração, passando por sua atuação política. Essencial para entender o papel de mulheres na luta por ideais e os desafios enfrentados por elas em um período conturbado da história.

Ponciá Vicêncio, de **Conceição Evaristo**, narra a trajetória de Ponciá Vicêncio, uma mulher negra que busca suas raízes e sua identidade. Aborda temas como a memória ancestral, o êxodo rural, a vida na periferia e as marcas da escravidão na sociedade brasileira. É um olhar profundo sobre as experiências do feminino negro no Brasil.

Presente! O feminismo interseccional na sala de aula, de **Bianca Santana**, aborda o feminismo, a educação e o racismo para construir escolas mais inclusivas.

Quarto de despejo: diário de uma favelada, de **Carolina Maria de Jesus**, revela a dura realidade de uma catadora de papel, por meio de um testemunho da pobreza, da fome e da discriminação, mas também da força, da inteligência e da resiliência de uma mulher negra que se expressava através da escrita.

Quem tem medo do feminismo negro?, de **Djamila Ribeiro**, aprofunda o debate sobre o feminismo negro, mostrando como a interseccionalidade (raça, gênero, classe) é crucial para entender as opressões que mulheres negras enfrentam. A autora aborda temas como o racismo, a misoginia e a invisibilidade das mulheres negras na sociedade.

Sejamos todos feministas, de **Chimamanda Ngozi Adichie**, desmistifica o feminismo e o torna acessível a um público mais amplo, mostrando como as desigualdades de gênero afetam a todos.

Úrsula, de **Maria Firmina dos Reis**, é um dos primeiros romances abolicionistas brasileiros e escritos por uma mulher negra. Aborda as relações sociais do século XIX, a escravidão e o papel da mulher. Critica as injustiças e preconceitos, dando voz e protagonismo a personagens femininas e negras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Julio. **A Epopéia do Ceará**. REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. 1934. pp. 135-148. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1934/1934-AEpopelaiadoCeara.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2026.

ALVES, Karla Jaqueline Vieira. **“HEROIS” NO CATIVEIRO**: discursos e silêncios no jornal Libertador sobre o protagonismo de José Napoleão e Preta Tia Simoa na luta abolicionista no Ceará (1881-1884). Monografia (Licenciatura em História), Universidade Regional do Cariri, Crato, 2015.

ARRAES, Jarid. **Tia Simoa**. 2014.

BARBALHA. Prefeitura de Barbalha (CE.). **O Município**. 2025. Disponível em: <https://www.barbalha.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BLOG DE ALTANEIRA. **10 mulheres cearenses que marcaram e marcam a política do Brasil**. 10 mar. 2024. Disponível em: <https://www.blogdealtaneira.com.br/2024/03/10-mulheres-cearenses-que-marcam.html>. Acesso em: 19 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Assessoria de Comunicação Social. **Educação básica. Professores recebem premiação por experiências bem-sucedidas**. 12 dez. 2014. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/20975-professores-recebem-premiacao-por-experiencias-bem-sucedidas>. Acesso em: 05 jun. 2025.

CEARÁ. Governo do Estado. IPECE. **Estudo do IPECE revela perfil da mulher cearense**. 31 mar. 2025. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/2025/03/31/estudo-do-ipece-revela-perfil-da-mulher-cearense>. Acesso em: 19 ago. 2025.

CEARÁ. Secretaria de Estado de Educação do Ceará. **Professora da Rede Estadual é selecionada para o 8º Prêmio Professores do Brasil**. Assessoria de Comunicação da SEDUC, 25 nov. 2014. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/2014/11/25/professora-da-rede-estadual-e-selecionada-para-o-8-premio-professores-do-brasil/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

COSTA, Maria Suely da. Representações identitárias de resistência feminina. In: MENDES, Algemira de Macêdo; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de; ARAÚJO, Orlando Luiz de. (orgs.). **Literatura, Sujeitos de gênero e outros discursos**. Teresina: EDUFPI – , 2018.

CUSTÓDIO, Gabriela. Estudantes do Ceará criam caneta que detecta drogas em bebidas para prevenir golpe ‘boa noite, Cinderela’. **Diário do Nordeste**, 20 mar. 2025. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/estudantes-do-ceara-criam-caneta-que-detecta-drogas-em-bebidas-para-prevenir-golpe-boia-noite-cinderela-1.3631439>. Acesso em: 28 mar. 2025.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. - 4º. ed. - São Paulo: Contexto, 1994.

GIRÃO, Raimundo. **A Abolição no Ceará**. Fortaleza. Secretaria de Cultura e Desporto, 3ª Edição Melhorada, 1984.

HARARI, Yuval Noah. **Comer é político**: o que você precisa colocar no prato do seu filho além da comida. Blog Letrinhas. Companhia das Letras, 2024. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaLetrinhas/Post/6775/comer-e-politico-o-que-voce-precisa-colocar-no-prato-do-seu-filho-alem-da-comida?srsId=AfmBOooAtS5ClQHvp6RVgxlcvY9JLYmB-poXSAzXnKiEbMhEqTOx8HBD>. Acesso em: 28 mar. 2025.

LACOMBE, Milly; OLIVEIRA, Paola Lins de. **Feminismo para não feministas**: como o machismo machuca todo mundo. São Paulo: Planeta, 2024.

LIMA, Batista. **A mulher na literatura cearense**. Revista Coleção Diversos: Mulher & Literatura, Academia Cearense de Letras, [s.d.]. Disponível em: https://www.academiacearense-deletras.org.br/revista/Colecao_Diversos/Mulher_Literatura/A_CL_A_Mulher_na_Literatura_04_A_mulher_na_Literatura_Cearense_BATISTA_DE_LIMA.pdf. Acesso em: 20 mar. 2026.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. Trad. de Rosa R. Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2020.

PABYLE Flauzino no Que Nem Tu: surgimento da Nutri Desconstruída, comidas injustiçadas e gordofobia. **Diário do Nordeste**, 11 maio 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/pabyle-flauzino-no-que-nem-tu-surgimento-da-nutri-desconstruida-comidas-injusticadas-e-gordofobia-1.3366960>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, Aldemiza Correia da; SILVA, Artemiza Maria Correia da; PEREIRA, Joaquim Silva. A voz feminina na sociedade brasileira. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.

LISTA DE SIGLAS

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)
Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece)
Câmara de Dirigentes Logistas (CDL)
Centro Inclusivo para Atendimento e Desenvolvimento Infantil (CIADI)
Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede)
Departamento de Saúde e Assistência Social (DSAS)
Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP)
Escola Superior do Parlamento Cearense (Unipace)
Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC)
Faculdade de Tecnologia Intensiva (Fateci)
Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace)
Fundação Nacional de Artes (Funarte)
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp)
Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)
Instituto de Referência da Imagem e do Som (IRIS)
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)
Lei Paulo Gustavo (LPG)
Núcleo de Atendimento à Pessoa com Fibromialgia (NAPFI)
Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)
Relatório anual socioeconômico da mulher (Raseam)
Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE)
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc)
Secretaria do Planejamento e Gestão (Seplag)
Secretaria dos Povos Indígenas do Ceará (SEPINCE)
União Educacional de Brasília (UNEB)
Universidade Estadual do Ceará (Uece)
Universidade de Fortaleza (Unifor)
Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU)
Universidade Vale do Acaraú (UVA)



**“ O sistema do
patriarcado é
uma construção
histórica. Teve
um começo e
terá um final. ”**

(Gerda Lerner)





ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2025-2026

Deputado Romeu Aldigueri
Presidente

Deputado Dannel Oliveira
1º Vice-Presidente

Deputada Larissa Gaspar
2ª Vice-Presidente

Deputado De Assis Diniz
1º Secretário

Deputado Jeová Mota
2º Secretário

Deputado Felipe Mota
3º Secretário

Deputado João Jaime
4º Secretário









A coleção *Representatividade Feminina em Foco* apresenta, neste primeiro volume, experiências de mulheres do Cariri (Barbalha), Centro-Sul (Acopiara), Grande Fortaleza (Pacajus, Pacatuba e Fortaleza), Litoral Leste (Itaiçaba), Litoral Norte (Barroquinha e Granja), Sertão Central (Quixeramobim), Sertão dos Crateús (Monsenhor Tabosa) e Vale do Jaguaribe (Nova Jaguaribara). Por meio de relatos e reflexões, as autoras Tainah Marinho Aldigueri, Luzia Rolim, Rachel Garcia e Samya Régia Antero proporcionam um potente encontro do leitor com mulheres que colaboram imensamente para a evolução da sociedade e que têm seu valor muito além do que produzem monetariamente. A obra faz ecoar as demandas e a necessidade de buscar maneiras para aumentar a força da voz dessas mulheres. Assim, pode-se chegar a vivências difíceis, mas que projetam um futuro que se quer, colaborativo, inclusivo e justo.



ALECE

ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA
DO ESTADO
DO CEARÁ

**EDIÇÕES
INESP**



Comitê de
Responsabilidade
Social
ALECE